

PRAIA E MAR

Morreu, praticamente, a época banhar, Espinho amortiçou-se, a praia ficou reduzida a meia dúzia de barracas, o mar passou a ter

menos fregueses. Praia e mar, duas realidades indissociáveis para a nossa terra. Praia e mar, que cumprem uma missão importante, como polos de atracção para Espinho e, durante alguns meses, não preocupam demasiadamente. Praia e mar, que, acabada na prática a época estival, são, já, para os espinhenses uma

preocupação: que fará o mar no próximo inverno? Deixará praia, para o próximo verão? Não provocará destruição e miséria na zona ribeirinha. Quando se pensa, realmente, em fazer algo para defender, não só a praia, mas toda a zona baixa espinhense, ano a ano, cada vez mais em perigo? Acabou o verão! O inverno vai chegar, num instante!

DE

defesa de ESPINHO



DIRECTOR: AMADEU MORAIS — 10-9-76 — SEMANÁRIO — N.º 2318 — ANO 45 — PREÇO 3500

editorial

ESPECULAÇÃO: FORA, JÁ!

1. «DE» fez, recentemente, eco da acção muito louvável e pertinente, da Direcção Geral da Fiscalização Económica, em Espinho, a qual moveu processos, por crime de especulação, a diversos comerciantes locais, no concernente a leva-

Por CARLOS SARRIA

rem preços fora do permitido e exorbitantes na comercialização de artigos comestíveis, géneros de primeira necessidade, nomeadamente carne e bacalhau.

2. Não foi possível a «DE», mau grado os esforços nesse sentido, obter os nomes dos especuladores, porquanto o caso já caíra na alçada da justiça e, como tal, não se pode, infelizmente, denunciar à opinião pública quem, na ganância desmedida de lucro financeiro, se entrega a atentar contra as normas estabelecidas e, portanto, especula ou, por palavras mais directas, faz roubalheira.

3. Pois, é evidente, quem comercializa tem o direito, irrecusável e irreversível, de obter

(Continua na 2.ª pág.)



A praia norte, foi, na verdade, uma doação do mar a Espinho, depois dele se apossar de faixas que, no tempo antigo, eram praias de extensos areais apinhados de gente. Se é uma doação, é também um aviso. Agora, quando a praia está reduzida à expressão mais simples, olhando para o norte, apetece perguntar: até quando o mar, sempre imprevisível e sem ter nada que o trave, colaborará?

É que, na verdade, mirando o sul, vamos apreciando esses inúteis «cotos» denominados esporões, agora com as pedreiras, de calhaus soltos que são brinquedo para as águas quando em fúria, todas fragmentadas, a mostrarem a sua impotência e a impotência dos serviços competentes, dos técnicos, das estruturas, para defenderem já não as praias conquistadas ao mar, mas toda uma zona habitacional.

VISOR

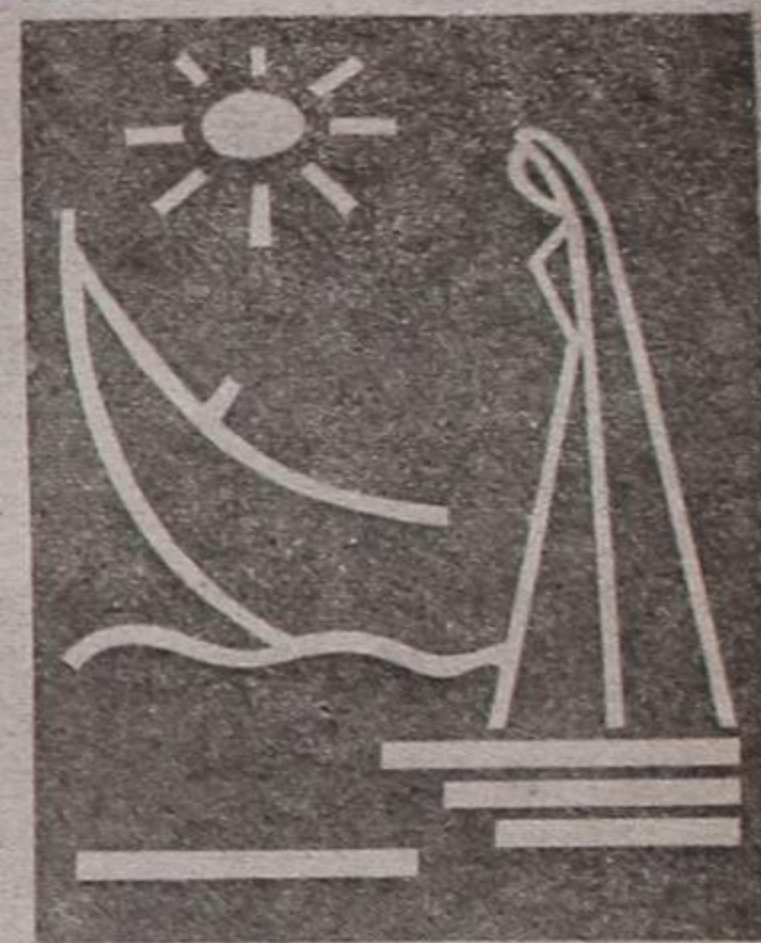
Se a especulação sobre os géneros alimentícios tem de ser combatida (ver «EDITORIAL»), facto é que também os atentados à saúde pública, em relação àquilo que comemos, estão na linha da batalha inflexível a mover por quem de direito. Na nossa «feira» — e já há tempos «DE» levantou a questão — a carne está ao pó, às moscas, às mudanças de temperatura e o peixe sofre da mesma liberdade. Quem nos garante que, uma e outro, como outros géneros comercializados na «feira», estão em condições para serem comidos por seres humanos? Quem olha pela saúde do povo?



O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITOU A CAPITAL DO NORTE

Homens do Norte. Cidadãos do Porto. A Constituição aponta para a criação de regiões e define os seus órgãos. O norte é de há muito uma indiscutível realidade geográfica, económica e social que um modelo de estado centralizado contrariou e distorceu. — O texto constitucional transformou em promessa e esperança que persistia apesar de algumas medidas terem prosseguido na amputação da autonomia de actividades aqui instaladas em benefício dum gigantismo de efeitos duvidosos — palavras do discurso do Presidente da República (ver «Tempo de Meditação», pág. 12). Espinho, não esqueçamos, é uma importante terra do Norte!

18-19-20
SET. 1976



NASA
N.S. AJUDA
DA

ESPINHO

RAINHA DA COSTA VERDE



Festas da N.^a S.^a da Ajuda

PROGRAMA

SÁBADO, 18

- 16 h. — Concerto pela Banda de Paramos, no adro da Capela.
 17 h. — Ciclismo — 1.º Circuito «Rainha da Costa Verde», no percurso: Avenida 8, Rua 19, Rua 2, Rua 43.
 21,30 h. — Concerto pela Banda do Regimento de Infantaria do Porto, no coreto da Escola da Rua 23.
 22 h. — Exibição do Rancho Regional de Gulpilhares, no recinto da «Feirinha», na Rua 23, frente ao Parque João de Deus.
 24 h. — Sessão de Fogo Preso, ao fundo da Rua 19.

DOMINGO, 19

- 9,30 h. — Atletismo — 1.ª Léguas «Cidade de Espinho» para amadores. São convidados de honra o treinador da selecção nacional, Prof. Moniz Pereira e alguns atletas olímpicos.
 11 h. — Missa na Capela com acompanhamento por um Grupo Coral.
 14,30 h. — Exibição em Danças e Coros do Grupo Amador do Sindicato dos Metalúrgicos da Hungria (vencedor de Festivais Internacionais na Checoslováquia, Polónia, U.R.S.S., França e R.D.A. — 41 figurantes) no recinto da «Feirinha».
 16 h. — Concerto pela Banda de Silvalde, no adro da Capela.
 17 h. — Majestosa Procissão com a tradicional Bênção do Mar. Acompanhamento pela Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Espinho e Banda de Silvalde, pela Avenida 8, Rua 29, Rua 2, Rua 23, Rua 18, Rua 19, Rua 8 (Capela).
 19 h. — Sessão de Fogo Preso infantil.
 21,30 h. — Espectáculo de Variedades, dedicado pelo I.N.A.T.E.L., no recinto da «Feirinha».
 22 h. — Concerto pela Banda de Silvalde, no adro da Capela.
 24 h. — Sessão de Fogo de Artifício.

SEGUNDA-FEIRA, 20

Durante o dia a Tradicional Feira das Cebolas, no recinto da «Feirinha».

- 16 h. — No mesmo recinto, actuação do Conjunto Rock «Good Spot».
 16 h. — No Campo da Avenida, futebol feminino entre o S. C. de Arcozelo e o C. D. Feirense.
 17 h. — Encontro entre as primeiras categorias do S. C. Espinho e outra equipa.
 21,30 h. — Concerto pelas Tunas de Anta e de Oliveira do Douro, na «Feirinha».
 21,30 h. — Exibição do Conjunto Típico «Irmãos Leais», no coreto da Escola da Rua 23.
 Consta, ainda, do programa: um Tríduo nos dias 16, 17 e 18, às 21 horas, na Capela.
 Um Colóquio sobre «Delinquência Juvenil», no dia 16, às 21,30 horas, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários Espinhenses.
 Uma peça de Teatro no dia 15, às 21,30 horas, na Escola Industrial e Comercial de Espinho.
 A Comissão de Festas de Espinho, organizadora das Festas de 1976, pede e espera a melhor colaboração do Comércio e Indústria de Espinho, na oferta de prémios para serem distribuídos no programa desportivo.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Agosto de 1976, lavrada de folhas 77 a 78 verso do livro de notas para escrituras diversas E-Número um, deste cartório, os senhores BERNARDO PEIXOTO VIDRAGO, FRANCISCO PEIXOTO VIDRAGO e JOSÉ PEIXOTO VIDRAGO cederam as suas quotas do valor nominal de 17.000\$00 cada uma que cada um deles possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «VIDRAGO & IRMÃOS, LIMITADA», com sede e estabelecimento na Rua Oito, número 583, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, respectivamente, os dois primeiros a LUÍS BATISTA RODRIGUES, e o último a LAURINDA PEIXOTO VIDRAGO RODRIGUES, renunciando, todos eles, em consequência, às suas funções de gerentes e autorizando que o seu apelido continue a fazer parte da firma social.

E que, unificadas as quotas, foi alterada a redacção dos artigos terceiro e quinto do respectivo pacto social, assim:

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 51.000\$00, e corres-

ponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo: Luís Batista Rodrigues, com uma quota de 34.000\$00; e Laurinda Peixoto Vidrigo Rodrigues, com uma quota de 17.000\$00.

Quinto — A gerência social, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de um deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 18 de Agosto de 1976. Ressalvo as emendas «notária» «FRANCISCO» «renunciando» «seu» «unificadas» «Batista» «remuneração».

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

«DE» N.º 2318 de 10-9-76

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

PENTATLO — ARTIGOS DE DESPORTO E CAMPISMO, LIMITADA.

Certifico que por escritura de 14 de Abril de 1976, lavrada de folhas 34, verso, a falhos 36 do

livro de notas para escrituras diversas B-45 deste cartório, VASCO PONTES ROCHETA cedeu a quota de 150.000\$00 que possuía na sociedade em epigrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade, na Rua 62, número 101, a MARIA AU-SENDA BATISTA GARCIA DE CASTRO BARROS, renunciando às suas funções de gerente.

Pela mesma escritura foi dada nova redacção aos artigos terceiro e sexto do pacto, os quais ficam assim:

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 300.000\$00 e corresponde à soma de duas quotas iguais de 150.000\$00 cada uma, pertencentes uma ao sócio José Américo de Castro Cunha Barros e outra à sócia Maria Ausenda Batista Garcia de Castro Barros.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, José Américo de Castro Cunha Barros e Maria Ausenda Batista Garcia de Castro Barros, que desde já são nomeados gerentes, bastando a assinatura de um só para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

Mantêm-se os parágrafos.
Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 15 de Abril de 1976.

O Ajudante do Cartório,
Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho

«DE» N.º 2318 de 10-9-76

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 4 de Agosto de 1976, lavrada de folhas 105 a 106 do livro de notas para escrituras diversas D-Número 15, deste cartório, os senhores DOMINGOS ANTÓNIO e NUNO TELES MONTEIRO, ambos casados e residentes nesta cidade de Espinho, respectivamente, na Rua Vinte, 1.191, e na Rua Um, 176, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «DOMINGOS ANTÓNIO & NUNO, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Dezoito, número 1.067, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, a contar desta data.

Segundo — O seu objecto é o comércio de produtos alimentares, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 200.000\$00, e corresponde à soma de duas quotas iguais de 100.000\$00, pertencentes uma a cada um deles sócios.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento do sócio não cedente.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sendo obrigatória a assinatura de ambos para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e sendo suficiente a assinatura de um deles nos actos de mero expediente.

Sétimo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Oitavo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com o sócio sobrevivente ou capaz e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 5 de Agosto de 1976. Ressalvo as emendas «15» «regerá» «é» «estranhos» «conforme» «assinatura» «antecedência» «indivisa».

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

«DE» N.º 2318 de 10-9-76

Associação de Socorros Mútuos e Fúnebre Familiar de Espinho

Assembleia Geral Extraordinária

Pelo presente convido todos os associados a reunirem em Assembleia Geral Extraordinária na Sede da Associação, sita na Rua 22 n.º 327, no dia 19 de Setembro de 1976, pelas 10,30 horas, afim de tratarem da seguinte

ORDEM DO DIA

Apreciação e discussão da reforma dos Estatutos;
Referente aumento de cotas;
Eliminação da Secção Médica;
E existência de dinheiro em caixa.

Espinho, 10 de Setembro de 1976

O Presidente da Assembleia Geral,
Abel Teixeira da Conceição

Se a Assembleia não poder funcionar no referido dia por falta da comparencia de dois terços de sócios, funciona no domingo seguinte dia 26 de Setembro à mesma hora com um terço de sócios, e caso não compareça este número, realizar-se-á no Domingo, dia 3 de Outubro uma hora depois da marcada com qualquer número de sócios presentes.

editorial

(Continuação da 1.ª pág.)

os seus lucros, lucros normais, autorizados por lei e, claro, se discorda da margem dos mesmos, talvez por habitação à chorudez, das duas uma, ou apresenta a devida reclamação às entidades competentes que estabelecem a marginalização ou muda de vida, mas, nunca por nunca, se pode dar à desfaçatez de meter, despididamente, a mão na bolsa do «zé», assaltando-a descarada e impunemente.

4. O Presidente da República, na sua recente estadia na capital do Norte, disse, a certo passo, no importante discurso dirigido à Nação, que «cidadãos conscientes não podem pactuar com a impunidade do crime». E crime, não é só o assassinato, o atentado à bomba, a plantação de liamba, mas muito mais coisas e entre elas a especulação!

5. Sabemos que a notícia de «DE» não agradou em certos sectores, todavia, a preocupação deste Jornal é, além de todos os princípios consignados à sua condição de Orgão da Comunicação Social, com cada vez maiores responsabilidades, dado o papel que se pretende atribuir agora à Imprensa Regional, defender os interesses da comunidade, os interesses do povo, os interesses das maiorias e, por conseguinte, o crime de especulação é notoriamente contra todos eles.

6. Cá ficaremos à espera do julgamento dos especuladores e os verdadeiros culpados vão ver a notícia nas colunas deste Jornal — num alerta ao povo —, pois se estamos com todos quantos ganham, honestamente, a sua vida, o seu dinheiro, nunca se poderá pactuar com quem, à custa de roubalheiras, das quais a vítima é o povo — os trabalhadores que ganham com o suor o seu ordenado —, engrossa o seu erário. E de resto, lembremos: CIDADÃOS CONSCIENTES NÃO PODEM PACTUAR COM A IMPUNIDADE DO CRIME! E, tenhamos presente, ESPECULAÇÃO É CRIME! Portanto, conscientemente, digamos todos: ESPECULAÇÃO! FORA, JÁ!

CARLOS SARRIA



SEMANÁRIO
(AVENÇADO)

FUNDADOR:
BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921525

Composição e Impressão: Of. Gráf. de «O Primeiro de Janeiro»

TIRAGEM MÉDIA: 2.700 EXEMPLARES

«SÔ PROFESSOR: HOJE HÁ PONTO?»

«(...) Sobre o lamentável quadro do que foi nos últimos anos o Ensino em Portugal, o Povo Português só tem uma palavra: NÃO!»

Temos nos ouvidos, e não esqueçamos, estas palavras firmes do «incorrupto» português, nosso Presidente, Ramalho Eanes, proferidas há dias no Porto.

Já o título e tema desta crónica estavam gerados, quando as ouvimos; só que, se fosse um Manel qualquer a dizer o que pensa, as suas palavras teriam um valor bem relativos; mas, ainda bem que o homem Responsável que o Povo escolheu teve afirmações desassombradas, que de certo, encontrarão o eco merecido nas nossas Escolas. E mal de nós se o não tiverem...

A pergunta que encima esta crónica não é demagogia fácil, de quem vê os problemas de fora (porque não somos professor), nem desabafo saudosista dum passado que não era assim.

Repugna-nos a demagogia — que é arma dos habilidosos e vitalmente inúteis na sociedade; e não temos do passado saudades demais para o lembrar em aspectos negativos ou para nele fazer finca-pé no nosso zurzir dos erros actuais.

É, textualmente, a pergunta ouvida muitas vezes por um professor de ciclo no ano lectivo transacto (e como ele, outros a terão ouvido) a alguns dos seus alunos.

Ora bem; e depois? — perguntá-mos nós, quiça na mira de que fosse mera curiosidade dos discentes, ou brincadeira reinadia dalgum mais atrevidote...

— E depois, se lhes dizia que sim, que havia um ponto, iam-se embora, fazer recreio, porque mais falta menos falta pouco conta para a avaliação final.

Palavra de honra, custou-nos a crer; mas, acreditamos porque o professor em causa merece-nos o máximo crédito, e nem é, propriamente, um arrivista de ocasião. E logo do lado, alguém nos asseverou que o Professor X, muito conceituado no Liceu Y, deixou o Ensino, indo para um vulgar emprego, porque já não podia aturar mais semelhante estado de coisas.

Em chorrilho, lembrámo-nos da nossa querida professora primária (grande Mulher, a D.^a Diana!), que fazia do Ensino não uma profissão, mas uma entrega total, com métodos duros, porém altamente eficazes e produtivos, que se reformou antes do tempo, porque não podia mais com a desordem e outras anomalias na Escola que ela amava, e matava saudades vindo à janela ver passar a miudagem de e para a Escola, não conseguindo conter a comoção quando os seus antigos alunos a iam beijar como Mãe... E de tantos casos, do nosso directo conhecimento, em que a calamidade se divide entre alunos sem interesse e professores à força, sem amor à profissão (?).

*

Este preâmbulo, porventura enfático mas real, não pretende levar-nos a conselhos mais ou menos moralizantes — que a vida nos vai ensinando a «guardar porque podem fazer-nos falta» e a dá-los só quando nos forem pedidos — mas, sim, a um APELO popular (porque, afinal, apenas somos um Manel do povo, mais nada!) para que seja DIGNIFICADA, urgentemente, a missão das Escolas.

Significativo: com certeza por «meio acaso» veio quase logo à T. V. uma professoréca, muito sindicalista, toda revolucionária, pôr em dúvida que as Escolas abrissem em Outubro... Bolas!

A maior parte dos pais andam baralhados com o ensino dado a seus filhos; e parece que a confusão cresce em proporção directa com o multiplicar de reuniões e associações. Os próprios alunos (têmo-lo ouvido) não andam menos confusos — quer com a falta de aulas e professores, quer com a qualidade das ma-

Por MANEL

térias: «querem fazer de nós políticos à força e comunistas à pressão!»

E os professores honestos, que obviamente ficaram para trás na corrida às gestões, comissões e sindicatos, andam desiludidos, e temerosos pelo futuro (do seu e dos alunos). A um, que conhecemos de longa data, profissional competíssimo na esteira familiar e por vocação pessoal, vimo-lo, não há muito, com sintomas de crise física e moral aguda «à cause de...»

Foi um facto inegável a marxização das Escolas.

«Aguarda-se com ansiedade e esperança a reabertura das Escolas. Espera-se que reabram; que reabridam, funcionem; que funcionando, funcionem com professores devidamente qualificados; que nelas se respeite o passado e o futuro. Os analfabetos que em parte as pagam não admitem que nelas se esbanje o suor.» — disse, também, Ramalho Eanes.

Numa mutação brusca e violenta. Com métodos colados e cuspe no oportunismo de uns quantos (basta lembrar, a nível popular, o ridículo das campanhas de alfabetização e dinamização); e se estas se enfiaram na insignificância, cultural, como é evidente, donde nasceram, aquelas, pelos vistos, continuam na sua sanha progressista-marxizante, como última tábua de salvação duma causa perdida.

Não estamos, aqui e agora, a negar valores a métodos e a pessoas. Estamos, sim — e fique bem claro — a defender a construção duma Sociedade Nova, todavia em plena liberdade e pluralismo, porque de método único («livro único», «partido único», «programa único» e tudo único) estamos mais que cheios, sem vontade nenhuma de cair no mesmo obscurantismo.

Queremos que se respeite o passado, que não teve só erros; queremos que não se renegue a nossa História,

rica como poucas no mundo em valores humanos e espirituais.

Queremos — haverá quem nos ouça? — que seja reparado o crime nacional com repercussões universais que fanáticos (des)governantes cometeram (loucos? analfabetos?), saneando o grande Português que foi Santo António — ou Doutor Fernando de Bulom, para quem seja alérgico a «santos». O mundo até o conhece mais por St.^o António de Pádua: por alguma razão será... E, nós próprio, verificamos por essa Europa fora, inclusive na Hungria, como ele é venerado, assim como em terras da América. Mas em Portugal, sua terra de origem, decretou-se, pura e simplesmente, uma PROIBIÇÃO dos seus Livros e do seu nome nas Escolas e Bibliotecas. Como foi possível tamanha barbaridade?

Foram, com certeza, queimados (auto de fé?) muitos volumes outros terão escapado e foram guardados por particulares; e quem vai refazer a riqueza cultural perdida?

E como este caso, outros se passaram, em troca de lixo importado, para lavar o cérebro a portugueses cícos e orgulhosos de oito séculos de História e de património Nacional.

Para esclarecimento de quem nos ler, sempre diremos que não morremos de amores por certo «nacionalismo» exarcebado, contrário à vocação universal do Homem, mas muito menos admitimos o tal «internacionalismo» que alguns nos querem impingir...

E concluímos, por hoje, com palavras de quem abriu esta crónica: «é tempo de descobrir o que nos une; é tempo de respeitar o que nos distingue; é tempo de construir o que nos aproxima; é tempo de trabalhar».

Os que o não fizeram até agora — e foram tantos — se quiserem a nossa credibilidade, só têm, ou de arripiar caminhos tortuosos ou de deixar a outros homens, mais sérios e competentes, o lugar que não lhes pertence.

.do acaso.

Por JOTA

Depois de uma curta interrupção para gozo de merecidas férias e retempero de energias, retomo as colunas da «D.E.» para, à minha maneira, sem cuidados especiais de retórica, ir abordando «ao acaso» algumas questões que me pareçam de interesse.

No reatamento, à boa maneira desportiva, queria repisar num problema que, de desportivo, não tem mesmo nada.

Costuma dizer-se que cada um tem aquilo que merece.

Nem sempre esta afirmação corresponde à realidade, nem eu estou totalmente de acordo com ela.

Será, então, verdade que Espinho tem nas suas ruas a anarquia que merece? Anarquia de trânsito, já se vê.

Sim, será que Espinho merece o espectáculo a que se assiste, com maior predominância nos fins de semana?

Deverá continuar, efectivamente, a cidade que se orgulha de ser cumpridora da lei, a mostrar a quem nos visita a deplorável e triste falta de civismo de alguns condutores, que, por acaso, até nem são só os de fim de semana?

Não, três vezes não! Não deve continuar, porque, na realidade, a cidade de Espinho não o merece.

E não deve continuar, também, porque eu acredito que os nossos agentes da autoridade sabem que têm obrigação de manter a ordem social e a ordem pública. Mas, se para manter essa mesma ordem, é necessário aplicar a lei, pois aplique-se. Porque se espera?

Leia e assine a «Defesa»

SILVALDE

ASSIM VAI A VIDA...

AINDA A LUZ NO BAIRRO PISCATÓRIO

Senhores Responsáveis dos S.M.E.A.S. de Espinho: não esqueceram o reparo e apelo que lhes fizemos na semana passada, em nome de muitas famílias do Bairro Piscatório? Esperamos que tão depressa quanto possível, haja «força» de corrente suficiente em todas as casas.

Mas queríamos que resolvessem outro problema, que não é nada do outro mundo.

Toda a gente viu e vê que chegando ao Bairro à noite, NADA SE VÊ! A iluminação pública não é nenhuma na Avenida S. João de Deus, naquela zona, e pouquíssima «dentro» do Bairro.

Por sinal, não haverá casos sensacionais de polícia, por via disso, mas as «cenas eventualmente chocantes» só já não impressionam porque são vulgares na porca moda das fitas, copiadas ao vivo por jovens inconscientes e impreparados para a vida.

Damos um alvitre: os arqueológicos candieiros postados no que foi património da Junta Central das Casas dos Pescadores não têm a mínima hipótese de recuperação funcional; estão esventrados e por mais lâmpadas e globos que lhes ponham são outros tantos convites aos rapazolas irresponsáveis para a pontaria das pedradas.

Tirem-se dali os candieiros inúteis.

Ponham-se postes iguais aos que estão na mesma Avenida, para norte, não só na parte que falta, mas também distribuídos pelo Bairro.

Por certo que tal medida resultará o necessário efeito: iluminar e economizar material.

Porque há-de ser zona de excepção, aquela?

M.

BAIRRISMO EXEMPLAR

OBRIGADO ANTÓNIO AMERICANO

Espinho, Rainha da Costa Verde, estância praística que desde há décadas tem merecido a preferência de milhares de nacionais e estrangeiros para passarem as suas férias, retemperando o corpo e o espírito para nova etapa de trabalho ou estudo, esteve este ano à porta de sofrer o maior fiasco de sempre.

Os tempos mudam, obrigando a novos hábitos e costumes, que não se compadecem com interesses individuais.

Antigamente a época estival ia de Junho a Outubro, inclusivé. Nos tempos de hoje o verão em Espinho cinge-se, em pleno, a Julho e Agosto, com uns resquícios deixados para Setembro. O confronto Agosto-Setembro é confrangedor, mas a verdade é que, ainda assim, regista-se um regular número de praístas.

Pois este ano, sem qualquer aviso prévio, os banheiros resolveram fechar a época praística em 31 de Agosto, já que os proventos recebidos em Setembro seriam presumivelmente inferiores às despesas e ninguém é obrigado a trabalhar com prejuízo.

Claro está que esta circunstância representa tão somente o interesse particular dos concessionários das várias zonas da nossa praia. Do outro

OBJECTIVO ①

É um facto incontroverso. Julho e Agosto são, na realidade, os meses de veraneio. Setembro é, hoje em dia, quase despovoado de veraneantes para a nossa praia. Infelizmente, mas é assim. Aliás, dois meses de época, é tempo escasso para a importância duma terra de indole turística da envergadura da nossa. Todavia, se a praia está reduzidíssima de frequência, justo será continuar a dar àquelas que nos procuram e pagaram a sua barraca, condições de segurança, relativamente ao mar. Ousamos perguntar: isso está, na verdade, a acontecer?

Quem pensar que isto abona em favor de Espinho, e não é um veículo de propaganda pernicioso para a cidade e sua gente, pois que não se importe.

Quem pensar que isto deve manter-se, pois que não se importe.

Quem pensar que a liberdade do homem não tem limites, pois que continue a proceder a seu belo prazer, e os outros que se arranjam. Salve-se quem puder.

Eu por mim, não pactuo. Tantas vezes falarei no problema, que, alguém responsável há-de entender que é tempo de por cobro a esta pouca vergonha!

AGRADECIMENTO

RAMIRO GOMES DOS SANTOS

A viúva e família de Ramiro Gomes dos Santos agradecem, a todas as pessoas amigas que se dignaram assistir ao seu funeral e à Missa do 7.^o Dia.

PÃO — A VERGONHA DE ESPINHO!

Não recordamos que, em tempo algum, Espinho tenha tido um fornecimento de pão decente. Muitas reclamações têm chegado até nós para que «DE» alerte as autoridades competentes. Durante estes meses de veraneio tem sido um autêntico atentado ao consumidor mais conformista. É tempo de clamar: BASTA!

O pão «mocho» que nos impingem, além da falta de peso, é atentório à saúde dos consumidores. É uma espécie de pão de aviário! Insere-se na onda especulativa que grassa pelo País, a que urge pôr cobro. Até porque o pão é... PÃO!

ASSIM VAI A CIDADE

MAIS «LIAMBA»!

Aqui pegadinho, no lugar de Espinho — S. Félix da Marinha, o sr. Manuel Rodrigues de Oliveira Santos tinha no jardim uma planta que não conhecia e que media 2,40 metros de altura. Resolveu mostrar os pombos correios que possui a uns amigos que, ao verem a planta o alertaram de que era «LIAMBA».

O sr. Santos tratou logo de avisar a P.S.P. de que tinha lá aquilo sem saber o que era. E a «plantinha» foi arrancada e entregue no Tribunal de Espinho para os devidos efeitos.

XIII FESTIVAL DE MÚSICA

Continua a decorrer o XIII Festival de música no Hotel PraiaGolfe, e já na próxima segunda-feira, dia 13, realizar-se-á mais um Recital de Piano por Maria José de Sousa Guedes. Este ciclo de concertos encerrar-se-á no próximo dia 27, com o Trio Pró-Arte, constituído pelos concertistas Christa Ruppert (violino), Lourdes Santos (violoncelo) e Helena Matos (piano).

N
O
V
O
S
A
S
I
N
A
N
T
E
S

Na campanha que vimos continuando, algumas dúvidas se têm posto no espírito dos cidadãos que têm recebido a «DE».

Para melhor esclarecimento devemos notar que:

— Desde que alguma das três primeiras «DE» não sejam devolvidas, o receptor fica automaticamente considerado assinante. Portanto, pedimos aos senhores que recebam a «DE» e não estejam interessados em serem assinantes, o favor de a devolverem ao remetente e de imediato.

— A cobrança da assinatura, que custa 150\$00 por ano, será feita pelos C.T.T. oportunamente, não tendo os novos assinantes de se preocupar em vir pagá-la à redacção do Jornal.

Continua a ser preocupação da «DE» manter os seus assinantes e leitores ao corrente dos assuntos que mais interesse digam a Espinho e bem assim informar os cidadãos dos seus direitos e deveres.

Francisco Ferreira da Rocha, Francisco Gumerichinho Sil, Francisco Joaquim Reis Pais, Francisco Joaquim Serra, Francisco Lopes, Francisco Bastos A. Sarmento, Francisco de Pinho, Francisco Rodrigues da Silva, Francisco Valente Correia de Pinho, Franquelim José Marques, Franquelim da Silva Martins, Franquelim Tavares Ribeiro, Gil Pereira Ribeiro, Guilherme Correia Carvalho, Gustavo Alves y Glissler,

ESPINHO

— Agostinho Correia da Silva com Teresa Maria Vieira da Rocha.

ANTA

— José Manuel Ferreira Mendes com Ana Maria Monteiro Botelho.

— António de Oliveira Carvalho com Maria Albina da Silva Ferreira.

— Miguel Pereira Lopes com Maria de Fátima Monteiro.

GUETIM

— Domingos da Costa Alves Pereira com Margarida Marques de Oliveira.

PARAMOS

— Fernando Moreira Pinto com Maria Fernanda de Sá Dias da Costa.

SILVALDE

— António de Oliveira Gonçalves com Laurinda Alves da Rocha.

— António Vieira da Cruz com Arminda Francisca da Rocha.

— António Manuel Cordeiro Gomes com Maria Lucinda dos Santos Ferreira.

Guy Alberto Correia da Costa, Henrique Carlos Sottomayor, Henrique de Castro Baptista, Henrique Correia da Silva, Henrique Manuel Casal Ribeiro, Henrique de Oliveira Gomes, Henrique da Silva Antunes, Henrique da Silva Ferreira, Henrique Teixeira de Sousa, Hermínio António R. Alves Pereira, Hermínio de Sousa, Hernâni Alves da Silva, Hernâni Augusto da Costa Viana, Hernâni de Oliveira Guimarães, Hernâni Rodrigues Pinto, Hernâni dos Santos Pinto, Hilário Gomes Rosmaninho, Horácio Rodrigues Pereira, Ilídio Rodrigues Ramalho, Ilídio Soares da Silva, Inácio Alves Marinheiro, Isidro Rodrigues Moleiro, Jacinto Alfredo Vieira Campos, Jacinto de Oliveira Dias Cantara, Jaime de Amorim Carvalho, Jaime Carlos Magalhães Dias, Jaime Correia Rodrigues Moleiro, Jaime da Costa Cardoso Dias, Jaime Godinho do Carmo, Jaime Perdigão, Jaime Pinho Ranhão, Jaime Ribeiro Nunes Pedro, Jaime da Silva Costa, Jerónimo Vieira da Costa, João Alberto Galocha Correia, João Alberto Soares Monteiro, João António F. da Veiga, João António da Rocha e Castro, João Augusto da Costa Lopes, João Carlos Correia, João Carlos Ferreira de Pinho, João Carlos de Moura Bigail, João César da Costa, João Daniel Fátima Pereira, João Eduardo Sardinha Neves, João Fernando Paulino Campos, João Francisco da Silva, João Gil Antunes Rosa, João Graça Piqueiro.

CONJUNTO HABITACIONAL DA PONTE D'ANTA

No Diário da República de 1 do corrente saiu já o concurso para a construção de 226 fogos constituintes do conjunto habitacional da Ponte d'Anta (1.ª fase).

O preço base do Concurso é de 99 400 contos e a caução provisória é de 2 481 contos terminando o prazo de apresentação de propostas no dia 29 do corrente, às 17 horas realizando-se a abertura de propostas no dia seguinte pelas 15 horas, na Direcção da Habitação do Norte.

ESPINHO

— António David, filho de David de Sousa Alves e de Almerinda da Silva Carvalho Alves.

— Ana Patrícia, filha de António Valente Domingues Correia e de Deolinda da Rocha Félix Correia.

— Carlos Aberto, filho de Joaquim Pereira Martins e de Maria do Céu da Silva Ribeiro.

— Cláudia Cristina, filha de Apolinário Marques da Costa e Lúcia Antunes Teixeira.

— António Manuel, filho de José Paulino Duraet Ferreira e de Maria da Graça Teixeira Rebelo.

— Cláudia Maria, filha de Belmiro Alves dos Reis e de Maria de Lurdes Rodrigues Soares.

— António Paulo, filho de Arlindo da Sousa Rocha e de Maria Olinda de Carvalho Rocha.

— Paula Cristina, filha de Manuel Martins Tavares e de Amélia Martins Rocha.

FALECIMENTOS

ESPINHO

— Manuel Alves dos Santos, 48 anos, casado com Maria Adelaide dos Santos.

— Ana Maria Gomes Pinhal, 72 anos, viúva de Celestino Alves Pinto.

SALES - SILVALDE

— Ramiro Gomes dos Santos, 65 anos, casado com Laura Domingues.

ANTA

— Aurora de Oliveira Devesas, 72 anos, casada com José Domingues Mano.

SILVALDE

— Maria de Jesus Saraiva Machado, 92 anos, viúva de António Vieira Machado.

GUETIM

— Maria Rodrigues de Oliveira, 73 anos, ca-ada com José Pereira Boia.

UMA INICIATIVA DA «NASCENTE»

A «Nascente» — Cooperativa de Acção Cultural, vai tentar uma experiência, na expectativa de que possa tornar-se de grande alcance e venha a interessar a grande número de pessoas. Trata-se da criação de um Centro de Estudos para estudantes-trabalhadores, aberto a espinhenses e aos moradores de concelhos limítrofes, que virá a funcionar com o ciclo preparatório, o ciclo geral e complementar dos liceus, em regime intensivo, com acesso ao ensino superior.

Esta iniciativa não visa, naturalmente, fins lucrativos, mas, apenas, uma qualidade de ensino, portanto haverá logo uma redução de propinas, relativamente de estabelecimento deste género.

Portanto, os interessados, devem dirigir-se a «Nascente» — Secção do Centro de Estudos e as inscrições estão abertas, de 2.ª ao sábado, das 21,30 ks 23,30 h., cuja sede é na rua 62, n.º 251.

PODE SER ÚTIL

espectáculos

S. PEDRO

Hoje, Sexta-feira, dia 10 — **Abutres na cidade**, com Elliott Gould e Robert Blake — Interdito a menores de 18 anos.

Amanhã, Sábado, dia 11 — **Amigos até ao fim**, com Gregory Peck e Barbara Ollen — Para maiores de 14 anos.

Domingo, dia 12 — **Romance popular**, com Ornella Muti e Ugo Tognazzi — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Segunda-feira, dia 13 — **O homem de Hong-Kong**, com Jimmy Wang Yu e Ros Spiers — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Terça-feira, dia 14 — **A última neve de Primavera**, com Bekhim Femi e Agostina Belli — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Quarta-feira, dia 15 — **Balúrdia no Oeste**, com Bleavon Lille e Madeleine Kahn — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Quinta-feira, dia 16 — **O leão e o vento**, com Sean Connery e Brian Keith — Não aconselhável a menores de 13 anos.

CASINO

Hoje, Sexta-feira, dia 10 — **Por uma mão cheia de diamantes**, com Telly Savalas e Christopher Lee — Para maiores de 18 anos.

Amanhã, Sábado, dia 11 — **Meu irresistível selvagem**, com Yves Montand e Catherine Deneuve — Para maiores de 13 anos.

Domingo, dia 12 — **Meu irresistível selvagem**.

Segunda-feira, dia 13 — **Estranha forma de amar**, com Paul Gegauff e Paula Moore — Para maiores de 18 anos.

Quarta-feira, dia 15 — **O delicadinho no oeste**, com Miller e António Ferrandis — Para maior de 14 anos.

Quinta-feira, dia 16 — **Leonor**, com Liv Ullmann e Michel Piccoli — Para maiores de 18 anos.

farmácias

Sexta-feira — **Farmácia Paiva** — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
Sábado — **Farmácia Higiene** — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320
Domingo — **Grande Farmácia** — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092
Segunda-feira — **Farmácia Teixeira** — rua 19 n.º 46 — Telef. 920052
Terça-feira — **Farmácia Santos** — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331
Quarta-feira — **Farmácia Paiva** — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
Quinta-feira — **Farmácia Higiene** — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

marés

DIA	PREIA-MAR	ALT.	BAIXA-MAR	ALT.
11	17.30	3 ^m .26	23.04	0 ^m .71
12	18.02	3 ^m .09	23.37	0 ^m .83
13	18.38	2 ^m .90	—	—
14	19.17	2 ^m .69	12.33	1 ^m .10
15	20.12	2 ^m .50	13.17	1 ^m .30
16	21.39	2 ^m .39	14.13	1 ^m .47
17	23.08	2 ^m .43	15.26	1 ^m .57
18	—	—	16.55	1 ^m .51

TELEFONES MAIS NECESSARIOS

Emergência	115
Bombeiros V. Espinho	920005
Bombeiros V. Espinhenses	920042
Hospital de Espinho	920327
Centro de Enfermagem de Espinho	922392
Praça de Táxis	920010
Posto Médico da Previdência	920664

Centro de Saúde de Espinho	921167
Câmara Municipal de Espinho	920020
Serviços Municipalizados	920040
P. S. P.	920038
G. N. R.	920035
Correios	920335
Abade de Espinho	920621
Auto-Viação Espinho	920323
Estação C.F.	920087

A LADROAGEM NÃO DESCANSA

Na madrugada de 2 do corrente, a gaturagem assaltou o «Salão Azul», situado na Rua 23, donde roubaram 8 isqueiros e diversos objectos, tudo no valor de 2.500\$00.

Este é o quarto assalto verificado no mesmo prédio, pois mais três estabelecimentos contíguos já foram motivo de cobiça dos ladrões. O que quer dizer alguma coisa...

MOVIMENTO DO HOSPITAL DE ESPINHO DE 30-8-76 A 6-9-76

Internamentos Gerais	30
Exames Radiográficos	117
Crianças Nascidas	19
INTERVENÇÕES CIRURGICAS	
Cirurgia Geral	3
Otorrino	14
Ortopedia	5
Obstetria	1
Oftalmologia	2

SERVIÇO DE URGÊNCIA

Homens	405
Mulheres	341

INTERNADOS ENTRE OUTROS

Rosa Pereira Gomes

RUA 19 EM AUSTERIDADE ELÉCTRICA?

Que é preciso restringir o consumo de electricidade, estamos de acordo.

Agora, manter luz, sem restrições por todo o Espinho e cortar — a ponto de a deixar quase às escuras — na rua 19, não se entende.

Isto antes da meia-noite e com os actuais passeios-convite-a-trambolhões

Qual é o critério, senhores que mandam nestas coisas?

CERCI

Afim de se especializarem na educação de crianças deficientes, seguiram para Lisboa as professoras primárias Maria Rogélia Araújo Catarino, Maria Elisa Proença Antunes, Maria Luísa Rendeiro dos Santos, Maria Helena Gil Borges Carvalho, Sá Ferreira, Lígia Maria Oliveira de Jesus Barros Guimarães e Maria Helena Rodrigues Fernandes.

Estas professoras serão as que, em princípio, irão prestar serviço na CERCI — Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas.

NÃO DEITE LIXO NOS BOLSOS!
NEM NO CHÃO.

ENCONTRO

N.º 5
Setem. / 1976Suplemento de Divulgação Cultural
da «Defesa de Espinho»

Direcção de: F. AZEVEDO BRANDÃO

As raízes do tédio em Manuel Laranjeira

Por JOEL SERRÃO

Do ensaísta e historiador Joel Serrão extraímos do seu livro «Temas Oitocentistas», o valioso estudo «As raízes do tédio em Manuel Laranjeira», que vamos começar a publicar nas páginas de «Encontro», durante vários números, com o intuito não só de dar a conhecer aos nossos leitores o rigor e a probidade de autêntico historiador da cultura que é Joel Serrão, como também prestar homenagem a um escritor que viveu em Espinho a maior parte da sua vida e da sua obra.

Querer crer e não poder crer, desejar ter fé e não poder sufocar a dúvida... — eis a tragédia.

Manuel Laranjeira



De ascendência popular, Manuel Laranjeira nasceu em 1877, em Vergada (Vila da Feira), e pôs termo aos seus dias em Espinho, com a idade de 35 anos, antecipando-se, aliás, aos efeitos da tuberculose que o minava.

A sua curta vida processa-se, pois, durante o trânsito do século XIX para o actual e entronca, naturalmente, na ambiência mental de «fim de século» (e, especialmente em Nietzsche e Ibsen), assim como na humilhação portuense pela derrota republicana de 31 de Janeiro de 1891 e na sem-frustração posterior ao 5 de Outubro de 1910.

Médico, formado pela Escola Médico-Cirúrgica da capital nortenha, fixou-se nos arredores (Espinho) onde exercia a sua clínica e onde cometia as suas surtidas pelas tertúlias e redações portuenses.

A bem dizer, não publicou obra nem vasta nem de especial significado cultural ou artístico: um prólogo dramático... *Amanhã* (1902); a sua tese de licenciatura em Medicina, *A Doença da Santidade* (1907); um ensaio médico-biológico sobre o valor educativo do método de João de Deus aplicado ao ensino da leitura, *A Cartilha Maternal* e a *Fisiologia* (1909); um livro de versos, *Comigo* (1912); além de colaboração vária, dispersa, principalmente, por folhas republicanas do Porto.

Com franqueza não isenta de alguma brutalidade, parece hoje legítimo o juízo de que nenhuma destas obras merece muito que nos ocupemos dela. Poeta de inquietação autêntica, mas destituída de adequados dons de expressão artística, os seus versos só como «documentos» de um pungentíssimo drama pessoal poderão suscitar interesse... *Amanhã*, seu único tentame teatral publicado, foi, na época, uma justificada esperança da dramaturgia portuguesa — mas não passou disso; a apologia da *Cartilha Maternal*, por mais interessante e progressiva pudesse ter sido na época — e foi-o —, está prejudicada pelos avanços ulteriores da psicologia e da pedagogia, que irremediavelmente o condenam; quanto à sua tese médica, e para além de aspectos especializados que escapam à nossa competência, supomos que o interesse maior dela consiste em prender-se também, e afinal, à problemática muito pessoal de Laranjeira, culturalmente de formação materialista, mas a braços com a necessidade obsidiante e insatisfeita de preencher o vácuo deixado pela perda da infância...

Ora, se acaso assim é, afigura-se mais que legítima a pergunta: porquê, então, estudar com alguma de longa a personalidade e a obra do autor de *Comigo*?

(Continua na pág. seguinte)

« OS LIVROS E OS HOMENS »



Notas de Leitura

Por F. AZEVEDO BRANDÃO

* ANA — por Maria Teresa Horta

* ATENTO COMO UM LOBO — por José Viale Mouzinho.

1. «90 % dos psicólogos e psiquiatras são homens, enquanto a maior parte dos doentes são mulheres. Penso que há duas medidas: um homem que manifesta a sua independência, que reivindica é considerado como normal; uma mulher com o mesmo temperamento é «emocionalmente doente». A posição ideológica de superioridade, se assim se pode dizer, que os homens inventaram e que tranquilize alguns deles, pesa menos sobre eles do que sobre as mulheres que encontram dificuldade suplementares para se adaptarem aos padrões de normalização masculina.»

Esta citação da psicóloga dr.^a Cheler, que Maria Teresa Horta transcreve no frontespício da sua pequena narrativa «Ana» (!) põe,

desde logo, o leitor de sobre-aviso, de que está perante uma obra feminista, no sentido da preocupação de pôr em destaque o que diferencia o homem da mulher. Com efeito, a autora pode considerar-se, em Portugal, uma das mais ecérrimas defensoras dos direitos da mulher, naquilo que leve a mulher a constituir-se num ser autónomo e independente em todos os aspectos da vida e da arte, ao poder e à influência do pensamento machista.

Tem sido através da literatura que Maria Teresa Horta tem travado o seu combate, tentando, através da sua obra, mostrar a originalidade da escrita feminina em relação à escrita machista, num desejo de cortar cerce os liames paternalistas que



têm prendido as mulheres aos homens.

É neste contexto que devemos ler esta narrativa de estrutura circular e técnica cinematográfica, em que o passado se torna presente e o presente se transforma no passado, numa destruição do tempo, como que simbolizando o corte abrupto mas necessário das amarras que prendem a alma feminina ao arbítrio impiedoso dos homens.

Aqui as personagens e o tempo encadeiam-se de tal maneira, que, ao fim e ao cabo, as diversas personagens reduzem-se a uma só que sente em si a diversidade. (Continua na pág. seguinte)

CRÓNICA



O LIVRO PORTUGUÊS NO BRASIL

A deslocação ao Brasil de uma delegação de escritores portugueses constituída por José Cardoso Pires, Bernardo Santareno, Augusto Abelara, Fernanda Botelho e Melo e Castro, que participou em vários colóquios e visitou a Bienal Internacional do Livro, em S. Paulo, veio, mais uma vez alertar os responsáveis pela divulgação da nossa cultura da urgente necessidade de fomentar naquele país a difusão dos nossos escritores, sobretudo, contemporâneos.

Com efeito, as afirmações à imprensa que os componentes da delegação proferiram à sua chegada a Lisboa se não vêm dar novidade nenhuma sobre este aspecto, têm o mérito de levantar mais uma vez, um problema que nos parece vir a merecer a atenção do responsável pela cultura portuguesa no estrangeiro.

Há muito tempo que a imprensa especializada se vem fazendo eco da precária situação do livro português no Brasil que vai ao ponto da sua inexistência na maior parte dos escaparates das livrarias daquele país, quando, em contrapartida, as montras das nossas livrarias se encontram emolduradas com livros de escritores brasileiros.

Esta é uma situação difícil de compreender e até hoje ninguém soube explicar convenientemente tal situação.

É verdade que, como acentuaram os participantes portugueses, que a nossa literatura contemporânea é conhecida e comentada nas Faculdades de Letras do Brasil, tendo todos verificado com satisfação de «um movimento universitário, interes-

sado pela cultura portuguesa, mas que existe um grande fosso entre a universidade e o grande público.

As livrarias, mesmo as grandes editoras do Rio de Janeiro e de S. Paulo, não possuem nos seus «stocks» livros de autores portugueses, nem para as necessidades dos estudantes universitários, que muitas vezes, têm de se socorrer de livros policopiados, cujos originais são fornecidos pelos seus professores.

Custa, na verdade, a compreender esta complexa actividade cultural: enquanto o mercado português se inunda, em certa medida, de livros brasileiros, o livro português prima pela sua ausência no mercado brasileiro. A quem responsabilizar o estado a que chegou esta situação paradoxal? Que responda quem souber.

Por nós estamos com Cardoso Pires quando afirmou à sua chegada a Lisboa: «procurámos desbloquear uma situação cultural que se tem passado ao nível diplomático apenas e que se tem de passar agora a um nível mais vivo, entre estudantes, público, livreiros e executivos».

Pois é, como se verifica não bastam os acordos culturais a nível governamental que, muitas vezes, não passam de meros convénios protocolares de reduzido significado no contexto cultural dos países. É preciso ir mais fundo: incentivar a criação de um Centro Português do Livro, em terras brasileiras, à semelhança do Centro do Livro Brasileiro entre nós; promover o intercâmbio de livros entre editores portugueses e brasileiros; fomentar o contacto entre artistas

e escritores dos dois países; fazer a permuta de jornais e revistas da especialidade, enfim, toda uma série de medidas concretas e objectivas para que a nossa literatura contemporânea «e não só» seja conhecida e apreciada no Brasil.

Foi bom que esta situação, que toda a gente já sabia, viesse, mais uma vez ao de cima, agora denunciada pelos próprios interessados pela divulgação das suas obras, que testemunharam pelos seus próprios olhos, a triste realidade da difusão da nossa cultura no Brasil.

Se porventura esta deslocação outros méritos não tivesse alcançado, como não é o caso, serviu, concerteza como alerta e pedra de toque para que o Ministério da Cultura, que tem à frente um escritor de valor, a Associação Portuguesa de Escritores, a Sociedade Portuguesa de Autores e outros organismos culturais, atentem nesta realidade e tudo façam para a difusão da cultura portuguesa em terras do Brasil.

Assim o deu a entender Bernardo Santareno quando disse ser intenção da delegação de que fez parte elaborar um relatório «sobre o assunto» no sentido de se fazer qualquer coisa para resolver este problema.

Oxalá que assim seja e façamos votos para que esta deslocação passe a constituir o primeiro passo para outros contactos directos com o público brasileiro e testemunho da vitalidade e importância da nossa literatura contemporânea.

RUI GOMES

BIOGRAFIAS BREVES

FERREIRA DE CASTRO

José Maria Ferreira de Castro nasceu em 1898 na aldeia de Salgueiros, freguesia de S. Pedro de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis.

O pai morreu-lhe tinha ele apenas oito anos. De família pobre, teve de emigrar para o Brasil com treze anos para onde vai trabalhar nos seringais do Amazonas.

É aqui que Ferreira de Castro inicia a sua actividade de escritor, começando a escrever alguns artigos num jornal mensal do Rio Grande do Sul.

Em 1914 deixa o Amazonas e vai viver um dos períodos de maior miséria da sua vida em Belém do Pará, onde o melhor emprego que pôde arranjar foi o de moço num barco de cabotagem.

Mas é aqui que dois anos depois publica o seu primeiro romance «Criminosos por Ambição», ao mesmo tempo que também colabora no semanário «Portugal».

Em 1919 regressa a Portugal onde continua a sua actividade jornalística: funda a revista «Hora» e dirige o jornal «O Lusó». Mas é no período que vai de 1923 a 1927 que Ferreira de Castro mantém uma intensa actividade de jornalista através de crónicas, artigos, reportagens e folhetins em vários jornais.

Neste mesmo período chega ainda a publicar as novelas «A Boca da Esfinge», «A Metamorfose», «Sendas do Cinismo e do Amor» e «A Morte Redimida».

Em 1928 publica o romance «Emigrantes» que veio a constituir «um marco fundamental na história da nossa literatura de ficção: uma expressão precursora do romance moderno de inspiração populista e de sugestão ético-social».

Em 1930 publica o seu mais famoso romance: «A Selva» onde o autor descreve a sua dura experiência na floresta do Amazonas e que teve tal êxito que em pouco tempo estava traduzido em diversas línguas.

Em 1933 publicou o romance «Eternidade». E em 1934 o seu romance «Terra Fria» recebe o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências.

Casa-se em 1937 com a pintora espanhola Elena Muriel, iniciando neste mesmo ano a publicação da obra «Pequenos Mundos, Vellhas Civilizações».

Em 1944 publica «A Volta ao Mundo» roteiro de uma viagem que fizera com a esposa.

«A Lã e a Neve» sai a público em 1947 e as novelas «Experiência» e «Missão» saem respectivamente em 1951 e 1954.

Em 1962 é eleito presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores e em 1966 comemora-se o cinquentenário da sua vida literária, com a inauguração de um monumento à sua obra, numa praça de Oliveira de Azeméis.

É proposto pela União Brasileira de Escritores juntamente com Jorge Amado ao Prémio Nobel da Literatura.

Em 1967 publica o romance «O Instinto Supremo».

É galardoado com os prémios Internacional Águia de Ouro do Festival do Livro de Nice e de Latinidade da Academia do Mundo Latino.

Morre em Junho de 1974.

Dele escreveu Álvaro Salema no livro «Ferreira de Castro — A sua vida, a sua personalidade, a sua obra»: «O prestígio de Ferreira de Castro, como figura universalizada da nossa literatura, como personificação de um ideal de liberdade e de dignidade social; é o fruto de substanciação plena de um homem e de uma obra... Descrevendo a labuta angustiada dos trabalhadores da borracha nos seringais amazónicos, as ansiedades do emigrante na nostalgia da terra natal, e na derrota das suas esperanças, o viver agreste e os sentimentos simplistas mas poderosos dos serranos, a complexidade do instinto em jogo... Ferreira de Castro é sempre igual a si mesmo e à sua originária inspiração.»

As raízes do tédio em Manuel Laranjeira

(Continuação da pág. anterior)

Em boa verdade, vários motivos concorrem para justificar o desígnio. Por um lado, a publicação, nos últimos anos, dos volumes *Cartas* (1943), *Diário Íntimo* (1957) e *Prosas Perdidas* (1958) veio revelar aspectos menos conhecidos da cultura, da personalidade e da problemática do homem e do escritor, que, sem dúvida alguma, até certo ponto ajudam a explicar a espécie de fascínio mental que Laranjeira deixou na saudade dos seus conviventes de geração. Por outro lado, o fracasso dramático deste homem, não obstante os seus dotes superiores de inteligência, não deixa de assumir, no contexto da cultura portuguesa contemporânea, valor como paradigmático.

Deste modo, o estudo de Manuel Laranjeira vem a significar, pura e simplesmente, uma meditação sobre os perigos e tradicionais escolhos que enxamiam as incertas rotas do intelectual lusó. É que, afinal, entre Laranjeira e nós outros verifica-se uma continuidade de problemas, os quais, a despeito da sua relativa diversificação temporal, conquanto mais de superfície que de raiz, são fundamentalmente, os mesmos. Por isso — repetimos, insistindo —, auscultar as inquietações do autor do *Diário Íntimo* traduz-se a um tempo quer por um exame de consciência, quer por tarefa de índole histórica. Com efeito, a história é isto, e só isto: auxílio à desobstrução dos caminhos de hoje (incados de espectros oriundos do passado), pelos quais os homens vão de jornada para um por vir diferente e melhor.

A quem estudar atentamente os escritos de Laranjeira tornar-se-á a pouco a pouco mais claro que um dos elementos dominantes da sua mundividência e à intuição de que o tempo em que lhe foi dado viver era de trânsito entre «um mundo que desabava» e outro que «germinava» — e daí certa instabilidade mental, que ele caracteriza assim: «Sinto-me deslocado do meu tempo... talvez por ser do meu tempo. Mas tenho a impressão de que devia ter nascido há dous séculos ou daqui por dous séculos...» (1)

(Continua no próximo número de «Encontro»)

(1) *Diário Íntimo*, p. 58

« OS LIVROS E OS HOMENS »

(Continuação da pág. anterior)
sidade, a contradição e a complexidade de todas as outras num tempo que nem é passado nem é presente: é apenas um tempo contínuo de memórias que torna a realidade sonho e o sonho realidade, que leva, finalmente, a confundir a morte e o amor: a morte do poder descritivo do homem perante a aparente fragilidade da mulher e o amor da mulher por esse próprio homem que, julgando subjuga-la, a dignifica.

Narrativa original de laivos vanguardistas é, sem dúvida, um louvável esforço de maioridade, de emancipação de uma escrita que quer cortar irreversivelmente com a subjugação aos padrões do homem.

2. Estamos com Eduardo Lourenço quando, a respeito da crítica de Poesia, ele nos diz: «a Poesia é, literal e propriamente falando, «incritável». Criticar poesia, fazer crítica de poesia, com aquela confiante e tradicional boa consciência nossa conhecida, é o mesmo que criticar o Sol e as estrelas. No fundo, falamos sempre de outra coisa e o melhor é sabê-lo para nos poupar ao menos uma suficiência de sonho.

Enquanto tal, a Poesia (de que todo o autêntico poema é simultaneamente a encarnação e o falhanço...), é a palavra insusceptível de crítica por excelência, entre outras coisas, por ser ela o efectivo lugar crítico do espírito humano, ou pelo menos aquilo em que a luz que a cada momento concentra a totalidade espiritual é a mais intensa e profunda. O máximo de abertura humana contido na palavra é o que a poesia justamente é e configura. Supor que pode ser julgada a partir de outro horizonte que o da luz por ela criada é conceber que são as trevas quem ilumina o dia» (2).

A citação foi longa mas serve-nos para mostrar que é com esta disposição de espírito que nos debruçamos sobre o último

livro de poemas publicado por José Viale Moutinho: «Atento como um lobo» (3).

Vamos dizer, pois, o que mais nos impressionou na nossa leitura e quando sublinhamos nossa queremos dar a entender que «Atento como um lobo» suscita o acto criador do próprio leitor levando-o a diversas leituras de significado e de significante. Aqui reside, para nós, uma das suas indelmentíveis virtudes: a participação criadora do possível leitor.

Parece-nos, por outro lado, que é de realçar aqui um certo experimentalismo no aspecto formal dos poemas, não só, sob o ponto de vista visual como também e sobretudo na variedade fónicas, nas terminações de cada verso: as rupturas vocabulares, morfológicas ou sintáticas, a descontinuidade melódica e rítmica a preposada destruição do discurso dito convencional, são outras tantas características que nos levam logicamente a enfileirar esta poesia na chamada Poesia Experimental de laivos surrealistas que teve como expoentes um Cesariny ou um O'Neill.

Atente-se, por exemplo, os seguintes versos do poema «Aj-mendra»:

«As lojas abriam a
s portas aos france
ses vestiam fórmica
as mesas as cadeiras

expulsaram o pin
tor de castelos e pai
sagens nas paredes
do café central»

ou então nestes do poema: «Atento como um lobo», que dá o título ao livro:

«que te conheço que me
dou mais frio navega
dor mais guerreiro em
riste disponível fabric
ante de barricadas an

tes a morte antes tom
bar entre dois tiros que dei
xar país perder-te long
amente como quem perfaz
um grito de regresso mina»

Mas para além destes tópicos comuns a experimentalistas e surrealistas, temos de salientar nestes poemas uma vigorosa imaginação e uma fantasia lúdica de franca espontaneidade em que a aparente abstração das imagens nos deixa adivinhar, aqui e ali, um tom lírico, diríamos até, elegiaco, que julgamos pressentir, por exemplo, no seu poema: «na ria de v go».

Este tom lírico, não isento de um certo humanismo imaginativo, alado a um poder de fragmentação frásica, acabam por definir bem um poeta que desde «Urgência» (1966) tem vindo a manifestar uma cada vez maior segurança e habilidade no burlar do verso de vanguarda.

(1) «Ana» — por Maria Teresa Horta — Editorial Futura, Lisboa, 1974.

(2) «Sentido e forma da poesia neo-realista» — por Eduardo Lourenço — Editora Ulisseia, 1968.

(3) «Atento como um lobo» — por José Viale Moutinho — Cader-nos da Rua Escura — Porto.

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

VARIOS — Cristãos e Comunistas. 196 págs. Col. Estudos e Documentos. Publicações Europa - América, Lisboa, 1976.

Este volume é a tradução das comunicações e debates levadas a efeito durante a Semana do Pensamento Marxista de 1972 promovida pelo Centro de Estudos e Investigações Marxistas.

Quatro temas dominam os debates: ateísmo, subdesenvolvimento, política e socialismo.

O tom geral dos debates: a exigência dos comunistas no sentido de os críticos colaborarem com eles, se unirem a eles para uma acção comum em prol do socialismo.

Será possível o diálogo entre cristãos e comunistas, aqueles aderindo ao materialismo sem se negarem a si próprios e estes abandonando-o, sem se negarem também?

A pergunta ficará suspensa ainda como espada de Dâmocles e que os intervenientes neste livro deixaram à consideração do homem de hoje.

RAMALHO, Américo da Costa: Estudos Camonianos. XIX. 160 págs. Centro de Estudos Clássicos

e Humanísticos anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975.

O presente livro insere trabalhos efectuados a quando das comemorações do IV centenário da publicação de «Os Lusíadas».

Estudos valiosos para a compreensão da obra do nosso épico, são, além do mais, uma porta aberta para o conhecimento de autores contemporâneos do poeta que levam a esclarecer melhor a sua obra. A necessidade de uma bibliografia crítica de toda a obra de Camões é também aqui assinalada pelo autor.

Conclui este volume com um completo e elucidativo índice onomástico.

PETIT, Paul. O Mundo Antigo. 334 págs. Trad. de Pedro Moacyr Campos. África Editora. Lisboa, 1976.

Neste volume se narra a história, desde a origem do Egipto até ao fim do Império Romano do Ocidente.

Obra honesta e metódica o autor completa a sua narração com numerosos mapas e uma vasta bibliografia muito útil a estudantes e professores. Como sempre o aspecto gráfico

das obras desta editora prima pelo bom gosto.

DIAS, Marcelo. «Chile/Setembro». 107 págs. Diabril Editora, Lisboa 1976.

O presente volume reúne uma série de artigos da época do golpe de estado no Chile em Setembro de 73 de autoria do jornalista brasileiro Marcelo Dias que assistiu pessoalmente ao acontecimento.

Relato vivo desses dias conturbados, este livro, além de ser uma reconstituição de todos os factos inerentes à contra-revolução, e também um autêntico testemunho político, pela análise crítica que o autor faz a esses mesmos acontecimentos: a derrota do proletariado e a vitória da burguesia.

Completa esta edição elucidativo material fotográfico do 11 de Setembro.

SOBRAL, Francisco. «Para Uma Teoria da Educação Física. 177 págs. Diabril Editora, Lisboa, 1976.

Numa época em que a Educação Física, no nosso país parece estar

a ser estruturada em novos moldes, mais consentâneos com as nossas necessidades e realidades, este livro de Francisco Sobral vem, na altura própria, suscitar uma mais lúcida reflexão sobre tão importante assunto.

Neste volume, o autor faz uma análise aos aspectos metodológicos e teóricos da Educação Física não se furtando a uma crítica global ao ensino actual da Educação Física no nosso país.

DE LA BRETONNE, Rertif. «A Mulher Separada». 150 págs. Trad. de Manuela Fazenda. Diabril Editora, Lisboa, 1976.

Trata-se aqui de um clássico do erotismo, que na altura do seu aparecimento em França suscitou viva polémica entre autores, público e autoridades.

Relato de acontecimentos reais escrito pela própria protagonista, este livro narra a história de uma filha imprudente que, contra a vontade do pai, se casa com um homem que possuindo todos os vícios de masoquista e sádico, a submete a todos os caprichos horrorosos e violentos de um libertino.

TRÊS POEMAS POR JOSÉ MANUEL MENDES

1.
junto ao dorso da neblina
azul é o silêncio

habito as veias da cidade morna
uma ausência por onde subo
à árvore da
poesia

e canto os perfis de fogo
do trabalho
mar rumoroso de asas
onde os dias
se renovam

2.
escorre o suor
nos dedos da noite

estar só é ter estrelas
apagadas
na garganta

entra um vento
de memórias
quente
na janela

afago a polpa das palavras
que vou dizer-te
amiga

às vezes as palavras crocitam
nas árvores negras
da tristeza
outras vezes derramam um licor
suave

para a sede
dos lábios

hoje a voz foi dura
como as falésias
dizemos amor com uma escrita
magoada

aqui tenho a argila
da ternura
o teu rosto de rugas adiadas
a lâmina do corpo
o néctar dos olhos uma boca
entre
aberta

as minhas mãos invadem as
grutas
do desejo
olho-as está nelas o teu
riso de cal

assobiando
caule rugoso no anel da noite

dizemos amor com cálidos
gestos
o vinho e o mosto
sol a prumo na paisagem
de abetos

por isso trazemos no sangue
o mar de agosto
a lua breve de dezembro
entre pinhais

estalagmite de rumores brandos
no torpor
das emoções

e nem o crâneo das palavras
nos pára o navio
das veias

olhem a força vermelha
e leve
dos nossos braços
unidos

o caminho de lama
e rosas onde
fica de passagem
o grafismo dos
passos

3.

os teus seios noite vegetal
longas bagas de suor

os cabelos revoltos
algas na areia quase líquida
das mãos

apelo o concreto do teu sexo
um mar desagua nos teus gritos
têpidos

freme o ventre
nos olhos mais lípidos
que as manhãs

largada de pássaros
beijo repousado as salinas
dos teus lábios

José Manuel Mendes

P O E S I A

AUSÊNCIA

Invade-me
uma paisagem de inverno:

(nos olhos
o mar de espuma embravecida,
o galho solitário
da árvore descarnada...

na alma
a tarde soturna,
o cansaço,
dos meus braços de coral...

nos dedos
o silvo agreste
do vento da noite,
o clamor do céu
em sinfonia do inferno...)

quando te sinto perder,
m' nha negra do M'salu,
beijo a beijo,
na memória do meu corpo!...

Moçambique, Fevereiro de 1966

F. M. B.

DESAFIO

Sem ódios, sem raivas, sem cegueiras,
Mas com a força interior de quem tem razão:
Sem gritos, sem sangue, sem vinganças,
Mas com o entusiasmo jovem
De quem faz do futuro justo
Um irmão;

Assim,
Limpidamente, com olho de sol
E mãos abertas e fraternas,
Vamos,
Nós todos que nos sabemos povo,
Vamos construir um país novo.
Um país aberto, sem fronteiras,
Com rios-caminhos e mares-estradas,
De compatriotas-amigos de mãos-dadas
Por sobre vales e montanhas sobranceiras.

É sonho, será sonho!
Mas o real de hoje foi sonho ontem!
E se cada sonhador quiser ser um pioneiro
O nosso país será, amanhã, o mundo inteiro.

O. Q.

PERDOA !

Anda, Mãe, é tua a festa!
Vê! O teu filho triunfou...
Põe nos teus olhos o brilho da vitória,
São teus os louros que ele ganhou.

Sobe e cresce e voa junto dele,
São tuas as suas asas
E o seu triunfo é teu.
E se o seu nome é dito noutros lares
Murmura contigo: mas ele é meu!

Floresce, Mãe, do seu florir,
Alegra-te da sua alegria,
Sorri, também, com o seu sorrir,

Mas olha, Mãe, é também tua a tristeza,
Teus os desgostos, bem tuas as frustrações.
Correm dos teus olhos as suas lágrimas
E bem tuas são as suas desilusões.

Ai, minha Mãe, escuta a minha voz rouca:
São bem mais as lágrimas que chorei pelos teus
olhos
Do que os sorrisos com que alegrei a tua boca.

O. Q.

ESCAPARATE

Como de costume saiu o número duplo referente aos meses de Agosto-Setembro da revista *Brotéria* de cujo sumário destacamos: «Espiritualidade e psicologia profunda», por Roger Champoux. S. I.; «Filosofia subjacente ao soneto IV de Camões», por Alberto Ilnera; «Humanismo socialista», por Artur Morão; «Perspectivas Amazónicas», por J. F. Nunes Barata; «Disciplina e preparação para a criação literária», por Teresinha Pereira; «Desideologização da fé», por I. Ribeiro.

Criteriosas notas bibliográficas sobre livros de autores portugueses e estrangeiros completam o volume.

A pedido de muitos leitores aqui vai o endereço da revista: Rua Maestro António Taborda, 14 — Lisboa-3.

★

Editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, saiu mais um número da revista *Colóqui/Letras*, dirigida por Jacinto do Prado Coelho.

Este volume, o n.º 32 referente a Julho tem o seguinte sumário: «Liberdade e aceitabilidade da obra de arte literária», por Alberto Pimenta; «Três instantâneos de Rilke», por David Mourão Ferreira; «Barthes et son double», por Robert Bréchon; «João Cabral: um sistema para abordar a realidade — I», por John M. Parker; «Cena Dramática», por João Medina; Poemas de António Ramos Rosa, Carlos Nejar, Fernando Ferreira de Luanda e António Carlos Leal da Silva.

Competa este volume «Notas e Comentários», Cartas de Barcelona e do Uruguai e ainda crítica de livros e informação literária.

★

A Cooperativa *ARVORE* tem vindo a publicar um Boletim cultural bimestral sob a direcção de Arnaldo Saraiva.

Do seu número 4/Julho destacamos: «A Utilização do Marxismo como alibi existencial», por Nuno Teixeira Neves; «Saneamento», por Arnaldo Saraiva; «Angelo de Sousa — um prémio», por Joaquim Vieira; «3 Poemas gerados por computador», por Pedro Barbosa; «O Movimento cultural de agitação e propaganda na

Alemanha dos anos 20» e «A propósito da exposição — Arquitectura marginal nos Estados Unidos», por António Jacinto Rodrigues.

Inclui ainda poemas de António Ramos Rosa, João Camilo e Mário Cláudio e um suplemento sobre a bomba que fizeram explodir em Janeiro na sede daquele organismo cultural.

★

Do Brasil recebemos o «*Jornal de Letras*» n.º 307 referente ao mês de Agosto e que há pouco comemorou vinte e sete anos da sua existência ao serviço da cultura daquele país.

Dirigido por Elysio Condé, destacamos neste número: O anúncio da Bienal Internacional do Livro que foi inaugurada em S. Paulo, no dia 13 de Agosto e na qual esteve presente uma delegação de escritores portugueses; e os seguintes artigos: «Repetir 1922? Nunca», por Maria Amélia Melo; «Paulo Jacob: novo romance», por Assis Brasil; «Dois encontros de Goiás», por Stella Leonardos; «Vocabulário de Poesia», por Raul Xavier; «Heidegger», por Olívia Gomes Barradas; «Urbanismo e Ficção», por Gyl Gallindo; «Letras Portuguesas — Vida e Gente de Lisboa», por António de Oliveira Coelho; «Letras Inglesas — Oscar Wilde», por Mário Graciotti; «O Texto de Paris», por Olívia Gomes Barradas; «Carreira dum contista», por Danilo Gomes; «Um Clássico Moderno», por Haroldo Bruno; «Mário Quintana, 70 por Nelson de Lenita Fachinetti; e «Vida Paulistana em romance», por José Afrânio Moreira Duarte.

Inclui ainda este número poemas de Guilherme Figueiredo, Ingborg Orlandi e Wilson Alonso e crítica de livros, discos, cinema e artes plásticas.

★

Plátano Editora continua a dedicar parte da sua actividade à edição de originais de poesia. Recentemente foram publicadas as seguintes obras: «Meridional», de João Miguel Fernandes Jorge; «Três Poemas», de Joaquim Manuel Magalhães; e «Dos simples e das Casas interiores», de António Torrado; Delas falaremos em pormenor no nosso próximo número.

PICHELEIRO

Encarrego-me de todo o serviço de Picheleiro e Canalizador com a máxima perfeição e rapidez. Serviço ao domicílio.

MÁRIO DA SILVA ESTEVES

Telef. 920415 p. f., ou dirigir-se à antiga casa «Zé de Gaia», na Rua 33

NATÁRIO

CERVEJARIA E MERCEARIA

Um novo estabelecimento aberto até às 24.00 horas

ALDEIA - ESMOJÃES - ANTA

Visite e será mais um cliente

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores. Bobinagem de dinamos e motores. Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

Auto Internacional

Peças e Acessórios para Automóveis

Av. 24 n.º 1001 — Telef. 923028
ESPINHO

PASSA-SE

POMAR AUGUSTA

Rua 19 - 215 — ESPINHO
Falar no próprio ou pelo

Telef. 921665

CERQUEIRA FERNANDES

SOLICITADOR

MUDOU

AVENIDA 24, 741 — SALA D
TELEFONE N.º 923129
ESPINHO

MÉDICO

AGOSTINHO DA SILVA PEDROSA

MÉDICO ESPECIALISTA EM DOENÇAS DA CRIANÇA

Consultório: Rua 19, n.º 343-1.º
Sala B - Espinho — Telef. 920634

Consultas diárias, excepto aos sábados; marcações a partir das 15 horas.

VENDEM-SE

QUADROS A ÓLEO do artista

ROQUE GAMEIRO DOS SANTOS

Ver na Rua 43, n.º 26
Telef. 923276 — ESPINHO

FÁBRICA

HÉRCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA.

INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

MATÉRIAS PLÁSTICAS

Injecção — Compressão — Extorsão — Insuflação — Rotação — Vácuo

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921098

APARTADO: 40

ESPINHO

«HÉRCULES»

GARANTIA de FABRICO e QUALIDADE

SALDOS «SOFAL»

FIM DE ESTAÇÃO

— CALÇAS, CASACOS E FATOS PARA HOMEM E SENHORA, A PREÇOS INACREDITÁVEIS!

— RETALHOS AOS MILHARES BARATÍSSIMOS!

A partir do dia 13 de Setembro em todos os Estabelecimentos SOFAL

AREOSA — AVEIRO — CASTELO BRANCO — COVILHÃ — ESPINHO — FUNDÃO — GUARDA — MANGUALDE — MATOSINHOS — RÉGUA — S. JOÃO DA MADEIRA — SEIA — TORTOZENDO E VIZEU

TIPOGRAFIA — LITOGRAFIA

EMPRESA GRÁFICA DE SEIXEZELO

S. Q. R. L.

Fundada em 1960

SEIXEZELO — V. N. DE GAIA

APARTADO 13 — ARGONCILHE — TELEFS.: 964222-964847

MANUEL PEREIRA FONTES

— FÁBRICA DE TAPEÇARIAS —

Importação

Exportação

Tapetes e Carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alfombras mecânicas «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE»

Telex 22255 — Fontes - P Telef.: 921316/7/8

SILVALDE — ESPINHO

Casa Romeu

Rua 19, n.º 299
Telef. 921433

Oculista Vitó

Rua 19, n.º 242
Telef. 921433

Duas casas onde o bom gosto impera

ÓPTICA ESPECIALIZADA ★ NOVIDADES ★ BOUTIQUE

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

(Continuação do número anterior)

ARTIGO 159.º

(Poderes dos Deputados)

Constituem poderes dos Deputados, além dos que forem consignados no Regimento:

- Apresentar projectos de lei ou de resolução e propostas de deliberação;
- Fazer perguntas ao Governo sobre quaisquer actos deste ou da Administração Pública;
- Requerer ao Governo ou aos órgãos de qualquer entidade pública os elementos, informações e publicações oficiais que considerem úteis para o exercício do seu mandato.

ARTIGO 160.º

(Imunidades)

- Os Deputados não respondem civil, criminal ou disciplinarmente pelos votos e opiniões que emitirem no exercício das suas funções.
- Nenhum Deputado pode ser detido ou preso sem autorização da Assembleia, salvo por crime punível com pena maior e em flagrante delito.
- Movido procedimento criminal contra algum Deputado e indiciado este por despacho de pronúncia ou equivalente, salvo no caso de crime punível com pena maior, a Assembleia decidirá se o Deputado deve ou não ser suspenso, para efeito de seguimento do processo.

ARTIGO 161.º

(Direitos e regalias)

- Os Deputados não podem ser jurados, peritos ou testemunhas sem autorização da Assembleia, durante o período de funcionamento efectivo desta.
- Os Deputados gozam dos seguintes direitos e regalias:

- Adiamento do serviço militar, do serviço cívico ou da mobilização civil;
- Livre trânsito e direito a passeaporte especial nas suas deslocações oficiais ao estrangeiro;
- Cartão especial de identificação;
- Subsídios que a lei prescrever.

ARTIGO 162.º

(Deveres)

Constituem deveres dos Deputados:

- Comparecer às reuniões do plenário e às das comissões a que pertençam;
- Desempenhar os cargos na Assembleia e as funções para que sejam designados, sob proposta dos respectivos grupos parlamentares;
- Participar nas votações.

ARTIGO 163.º

(Perda e renúncia do mandato)

1. Perdem o mandato os Deputados que:

- Venham a ser feridos por alguma das incapacidades ou incompatibilidades previstas na lei;
- Não tomem assento na Assembleia ou excedam o número de faltas estabelecidas no Regimento;
- Se inscrevam em partido diverso daquele pelo qual foram apresentados a sufrágio;
- Sejam judicialmente condenados por participação em organizações de ideologia fascista.

2. Os Deputados podem renunciar ao mandato, mediante declaração escrita.

CAPÍTULO II

Competência

ARTIGO 164.º

(Competência política e legislativa)

Compete à Assembleia da República:

- Aprovar alterações à Constituição, nos termos dos artigos 286.º a 291.º;
- Aprovar os estatutos político-administrativos das regiões autónomas;
- Aprovar o estatuto do território de Macau;
- Fazer leis sobre todas as matérias, salvo as reservadas pela Constituição ao Conselho da Revolução ou ao Governo;
- Conferir ao Governo autorizações legislativas;
- Conceder amnistias;
- Aprovar as leis do Plano e do orçamento;
- Autorizar o Governo a realizar empréstimos e outras operações de crédito, que não sejam de dívida flutuante, estabelecendo as respectivas condições gerais;
- Definir os limites das águas territoriais e os direitos de Portugal aos fundos marinhos contíguos;
- Aprovar os tratados que versem matéria da sua competência legislativa exclusiva, os tratados de participação de Portugal em organizações internacionais, os tratados de amizade de paz, de defesa e de rectificação de fronteiras e ainda quaisquer outros que o Governo entenda submeter-lhe;
- Desempenhar as demais funções que lhe sejam atribuídas pela constituição e pela lei.

ARTIGO 165.º

(Competência de fiscalização)

Compete à Assembleia da República, no exercício de funções de fiscalização:

- Vigiar pelo cumprimento da Constituição e das leis e apreciar os actos do Governo e da Administração;
- Ratificar a declaração do estado de sítio ou de emergência que exceda trinta dias, sob pena de caducidade no termo deste prazo;
- Rectificar os decretos-leis do Governo, salvo os que sejam feitos no exercício da sua competência legislativa exclusiva;
- Tomar as contas do Estado e das demais entidades públicas que a lei determinar, as quais serão apresentadas até 31 de Dezembro do ano subsequente, com o relatório do Tribunal de Contas, se estiver elaborado, e os demais elementos necessários à sua apreciação;
- Apreciar os relatórios de execução, anuais e final, do Plano, sendo aqueles apresentados conjuntamente com as contas públicas;

ARTIGO 166.º

(Competência em relação a outros órgãos)

Compete à Assembleia da República, em relação a outros órgãos:

- Apreciar o programa do Governo;
- Votar moções de confiança e de censura ao Governo;
- Pronunciar-se sobre a dissolução ou a suspensão dos órgãos das regiões autónomas;
- Designar o Provedor de Justiça, um dos membros da Comissão Constitucional e dois dos membros da comissão consultiva para os assuntos das regiões autónomas.

ARTIGO 167.º

(Reserva de competência legislativa)

É da exclusiva competência da Associação da República legislar sobre as seguintes matérias:

- Aquisição, perda e requisição da cidadania portuguesa;
- Estado e capacidade das pessoas;
- Direitos, liberdades e garantias;
- Regimes do estado de sítio e do estado de emergência;
- Definição dos crimes, penas e medidas de segurança e processo criminal, salvo o disposto na alínea a) do n.º 1 do artigo 148.º;
- Eleições dos titulares dos órgãos de soberania, das regiões autónomas e do poder local;
- Associações e partidos políticos;
- Organização das autarquias locais;
- Participação das organizações populares de base no exercício do poder local;
- Organização e competência dos tribunais e do Ministério Público e estatuto dos respectivos magistrados, salvo quanto aos tribunais militares, em prejuízo no disposto no n.º 2 do artigo 218.º;
- Organização da defesa nacional e definição dos deveres decorrentes;
- Regime e âmbito da função pública e responsabilidade civil da Administração;
- Bases do sistema de ensino;
- Criação de impostos e sistema fiscal;
- Definição dos sectores de propriedade dos meios de produção, incluindo a dos sectores básicos nos quais é vedada a actividade às empresas privadas e a outras entidades da mesma natureza;
- Meios e formas de intervenção e de nacionalização e socialização dos meios de produção, bem como critérios de fixação de indemnizações;
- Bases da reforma agrária, incluindo os critérios de fixação dos limites máximos das unidades de exploração agrícola privada;
- Sistema monetário e padrão de pesos e medidas;
- Sistema de planeamento, composição do Conselho Nacional do Plano, determinação das regiões-plano e definição do esquema dos órgãos de planificação regional;
- Remuneração do Presidente da República, dos Deputados, dos membros do Governo e dos juizes dos tribunais superiores.

(Continua no próximo número)

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O NORTE SE DIVERTE

★ MÚSICA DE BAILE ★

Pelos Conjuntos :

— TOP GROUP SHOW
— SURPRISE

Orquestra de SHEGUNDO GALARZA

★ V A R I E D A D E S ★

— Ballet Ibéria de Carmem Rojas — Ballet Espanhol
— Aurélia Adelaide — Fadista
— Iran Boys & Vera — Acrobatas Iraquianos

★ RESTAURANTE - BOITE ★

Jantares Concerto — Esmerado Serviço
seguido de Baile e Variedades

— SLOT - MACHINES —

★ C I N E - T E A T R O ★

SESSÕES TODOS OS DIAS — às 15,30 e 21,30 horas

Confeitaria Central

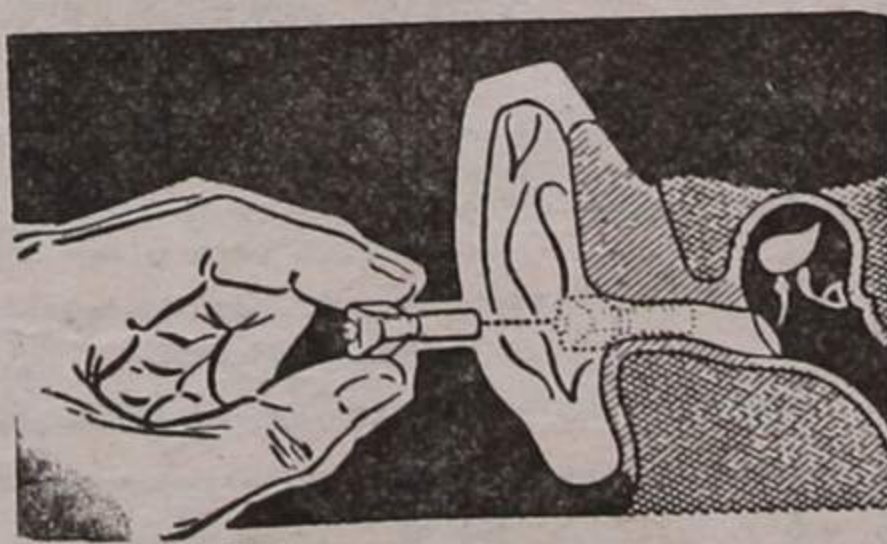
ESMERADO FABRICO DE PASTELARIA
VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
SALÃO DE CHÁ — MERCEARIA FINA E FRUTAS
JOSÉ TEIXEIRA LOURENÇO
Rua 8, N.º 691 (frente ao Teatro S. Pedro) — Telefone, 920605
ESPINHO

Com os cumprimentos da

BOUTIQUE FRANCINE II

Rua 8, N.º 579 Telefone, 920122 ESPINHO

ATENÇÃO SURDOS DE ESPINHO



VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na

GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO
ESPINHO

No dia 20 de Setembro, das 9,30 às 10,30 horas, onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: ÓCULOS AUDITIVOS — MODELOS DE BOLSO — MODELOS RETROAURICULARES — MODELOS PÉROLA IV E MIRAGE VI (usados dentro do ouvido, sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares.

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas.

Visitem-nos na GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO, no dia 20, das 9,30 às 10,30 horas

CASA SONOTONE — PRAÇA DA BATALHA, 92-1.º — PORTO
Poço do Borratém, 33-s/1 — LISBOA

à venda**VENDE-SE**

PRÉDIO NA RUA 14 N.º 967
1.º andar devoluto — R/C alugado a comércio
Falar por favor ao Senhor Luís Silva,
na Fábrica Progresso ou telef. 922150

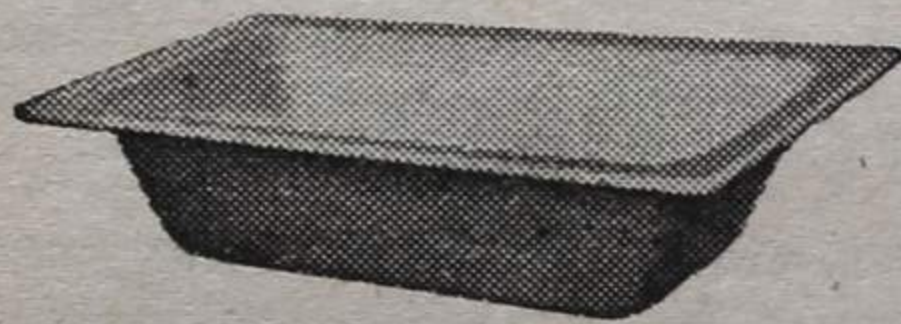
drogarias**DROGARIA****BAPTISTA**

EDUARDO REIS BAPTISTA

Produtos de Beleza do Dr. N. G. Payot
Grande sortido em perfumarias Nacionais e Estrangeiras
Rua 23, N.º 240 ESPINHO Telefone, 920467

DROFER

DROGARIA — FERRAGENS — FERRAMENTAS
TINTAS — SANITÁRIOS — CUTELARIAS — MÉNAGE
— OS MELHORES PREÇOS — AS MELHORES QUALIDADES —
CENTENO, PEREIRA & C.ª, LDA.
RUA 24, N.º 963 — ESPINHO

fabricantes**METALÚRGICA RECOR S.A.R.L.**

Fabricante de banheiras de ferro fundido e esmaltado.
Mobiliário metálico para quartos de banho, máquinas de furar e tornos de bancada.

TELEF.: 23155/6

ARRIFANA — FEIRA

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

DE

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

hotelaria

GRANDE FESTIVAL DE MARISCOS
Com vista panorâmica para o Mar

Pratos especiais:

BACALHAU A CABANA
COSTELETAS A ALENTEJANA
TORNEDÓ A AMERICANA
ARROZ DE MARISCO

Restaurante
Snack — Discoteca

CABANA

TELEFS. 921322-921966

A nova Gerência agradece a sua visita
Aos domingos e feriados,
matinés dançantes

modas**Daniel R. Iglésias**

Confecções para Homem e Senhora — Modas — Novidades

Estabelecimentos: Rua 19 n.º 203 e 188 — Telefs.:

Estab. 920463

Resid. 920086

ESPINHO

móveis**MÓVEIS COSTA VERDE**ESTOFOS, DECORAÇÕES E ELECTRODOMÉSTICOS
MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS

VISITE-NOS!

E VERÁ TODOS ESTES ARTIGOS PELO MAIS BAIXO PREÇO.

AVENIDA 24 (Junto ao Café Trovador)
ESPINHO

Móveis

Decorações

BAPTISTA

RUA 20, N.º 528 — TELEFONE, 921534 — ESPINHO

ourivesarias

O máximo em qualidade!
Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar:
compre «CAMY»!

diversos**«VIAGENS ESPECIAIS AO BRASIL»**

AGENCIA DE VIAGENS OS CAPOTES

EXCURSÕES TODOS OS MESES

PRÓXIMA PARTIDA — 2 DE OUTUBRO

— ESPINHO — Rua Doze, 628 — Telef. 921941
— AVEIRO — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 223 — Telef. 28229
— ÁGUEDA — Rua Fernando Caldeira, 39 — Telef. 62353
— IHAVO — Praça da República, 5 — Telef. 25620

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

SUPERMERCADO DO LAR

RUA 62, N.º 227 A 231 — ESPINHO

PREÇOS INACREDITÁVEIS ★ EXCELENTE OPORTUNIDADE

Grande Campanha de Inauguração

Móveis de cozinha por elementos e outros — Papéis pintados — Cortinados — Alcatifas, Carpetes, Tapetes, Pavimentos nacionais e estrangeiros — Maples — Candeleros — Electrodomésticos — Colchões — Almofadas — Adornos e um sem fim de utilidades para o lar — Alcatifas estrangeiras a 110\$00 m2

Pessoal especializado em decorações e colocações de:
Papéis — Alcatifas — Pavimentos

ENTREGAS
AO DOMICÍLIO

médicos**DR.ª EMÍLIA PEDROSA SANTIAGO****Doenças de Senhoras**

Largo da Graciosa, 41-1.º
Telef. 921891 ESPINHO

Consultas — Dias Úteis das 16
às 19 horas

J. PINTO VALENTE

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral

Avenida 8, n.º 238 — ESPINHO

Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183

advogados**FERREIRA DE CAMPOS
DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS**

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922210

ESPINHO

tratamentos**CENTRO DE ENFERMAGEM
DE ESPINHO**

Todos os serviços de enfermagem
oxigénio, camas articuladas, etc.

Horário:
das 9 às 12,30 e das 14,30 às 20 h.

Telefone, 921587

Telefone de urgência 922392
Noite

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO
Frente à Igreja

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

papelarias**PAPELARIA ATLÂNTICO
NORTE, LDA.**

Av. 24 n.º 1013 — Telef. 922776
ESPINHO

(em frente à «Feira»)

Agente da «Texas Instruments»
Material de Escritório
Livros Escolares

FOTO DIN

FAUSTO & LEONEL, LDA.

Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial

Rua 19, n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — ESPINHO

INTERVALO.

CONVITE AO SECRETÁRIO DE ESTADO DA JUVENTUDE E DESPORTOS

Segundo foi veiculado pelos Órgãos da Comunicação Social, o Secretário de Estado da Juventude e Desportos deslocar-se-á ao Norte do País em Outubro, para uma larga permanência e, «in loco», se inteirar da problemática existente que está ao abrigo do seu sector.

Espinho é uma terra nortenha, cuja importância no respectivo contexto nos eximimos de encarecer por desnecessário. Espinho, pertencendo erradamente ao distrito de Aveiro é uma terra incrustada, na realidade e na prática no distrito do Porto.

O desfasamento entre quanto determina a ultrapassada divisão administrativa e a realidade inegável, têm trazido, trazem e trarão, problemas difíceis e altamente lesativos, para o melhor desenvolvimento desportivo local, para lá de criarem situações intolerantes e confusas que não podem continuar a existir.

Tivemos a tola esperança de que esta importante como ancestral questão, seria devidamente equacionada, tratada e resolvida, por intermédio do nados-mortos Conselho Desportivo de Freguesia ou Conselho Desportivo Municipal, órgãos de mais ou menos fachada, órgãos final de assalto político para colocar mandatários nos lugares-chave mesmo no desporto, cuja inação nesta cidade, nesta freguesia e neste concelho, lhe dão a imagem real duma incapacidade e duma inutilidade evidentes, contrariando até os bons propósitos da sua criação.

Tivemos essa esperança quando, inicialmente, ouvimos, da boca de responsáveis, clarificar-lhe a responsabilidade e papel que lhes estavam cometidos.

Espinho-desportivo não pode continuar a viver na dependência de uma insidiosa «guerra» movida por alguns teimosos, irrealistas e ultrapassados, pseudo-dirigentes, pseudo-desportistas e pseudo-baírristas aveirenses que, através de «slogans» ou palavras de ordem, mudando conforme a época política, continuando a querer amarrar o desporto espinhense, sempre progressista e evolutivo, a uma região onde as mais vãs esperanças numa dinamização de grande escala se têm, infelizmente, esfumado.

E isso acontece porquanto as realidades sócio-económicas não se podem dissociar do processo desportivo e, concomitantemente, dos Clubes.

Espinho, com uma situação geográfica que o mete no Grande Porto, não pode, na verdade, deixar de vincular desportivamente àquele, por razões sócio-económicas a ter em conta e facilmente percebíveis e visíveis, para se entregar a fazer desporto no extenso distrito ao qual, só por erro, pertence, ainda.

Portanto, para que o Secretário de Estado da Juventude e Desportos se inteire duma problemática que lesa verdadeiramente o desporto duma cidade, concomitantemente o desporto duma região e, até, o nacional, à qual é preciso, de uma vez por todas, por termo, aqui lhe consignamos o convite para, no seu programa da visita de Outubro ao Norte, dedicar algumas horas a Espinho-desportivo, importante centro de desporto nortenho, cujas potencialidades são raras.

E se, na verdade, a questão da vinculação desportiva que balança entre o Porto e Aveiro, é o tema principal, na agenda temos outras importantíssimas questões a equacionar, entre elas a inexistência prática e efectiva do Centro de Medicina Desportiva local (outra obra mais ou menos de fachada), a construção do complexo desportivo municipal (obra para o arranque da qual há verbas destinadas), a clarificação quanto a existência, necessidade e operacionalidade, dos Conselhos Desportivos de fachada.

Espinho-desportivo faz inteiro jus, pelo seu valor real e potencial, pela importância do seu contributo no contexto desportivo nortenho, a que o Secretário de Estado da Juventude e Desportos lhe dedique algumas horas, pois há questões que não podem continuar a ser adiadas, neste País que, em todos os sectores, não deseja mais adiantamentos no caminhar certo para o futuro.

Confiemos e fiquemos à espera de Outubro. Urge que os Clubes, as entidades administrativas locais, comecem já a pensar nessa visita e nos problemas que preocupam Espinho-desportivo.

Carlos Sárria



FUTEBOL

FAFE, 1 - SP. ESPINHO, 1 Um ponto precioso

Na 1.ª jornada do certame, os «tigres» foram de abalada até ao Parque Municipal de Fafe, uma tarde de verão, razoável assistência, tendo arbitrado o portuense Fernando Alberto com as equipas formando:

FAFE—Antenor; Lopes, Teixeira, Castro e Beto; Ismael (Moreno, 83m); Manuel Duarte (Óscar, 83 m) e Valença; Cartucho, Edvaldo e Valdemar. TREINADOR—Nelo Barros SP. ESPINHO—Quim; Ribeirinho, Simplício, Gonçalves I e Raul (Pereirinha, 7m); Gonçalves II e Gentil; João Carlos, Serrão II, Reis e Vaqueiro (Canelas, 33 m). TREINADOR—Mário Morais. Ao intervalo: 1-0 Marcadores: Edvaldo (37 m) e Serrão II (70 m). Domínio repartido: A 1.ª parte para os «fafenses»; o 2.º tempo para os «tigres».

MOSAICO

Dos clubes do Norte e Centro que participaram na «Volta a Portugal», apenas a SAFINA (equipa de Corte-gaça), ainda não tinha chegado a acordo com a Associação de Ciclismo de Aveiro, afim de se fazer representar no circuito «RAÍNSHA DA COSTA VERDE».

Fazemos votos para que a esta hora, a equipa de Joaquim Andrade já tenha dito o «SIM» à organização.

Também já está elaborado o percurso deste circuito ciclista. Assim, teremos a meta instalada junto à Cabine de Publism (Av. 8), percorrendo os ciclistas as ruas 19, 2, 43 e Av. 8.

Tudo se conjuga para que no próximo dia 18 partam, com destino a MADRID, três jovens Espinhenses, com o fim de irem frequentar um curso de Treinadores de VOLEIBOL. Luís Resende e Carlos Prata do S. C. Espinho e Tibério Coelho, da Académica de Espinho, irão àquele curso promovido pela Escola Nacional de Treinadores de Espanha. O início deste, está marcado para o dia 20, terminando no dia 2 de Outubro.

Dezenas de populares foram convidados a participar na 1.ª LÉGUA CIDADE DE ESPINHO», em Atletismo. Como já foi anunciado, esta realiza-se no próximo dia 19, com início às 9,30h., e está incluída no programa de festas a «N.ª S.ª da AJUDA». Esperamos, sinceramente, a adesão maciça de gente jovem espinhense, pois as inscrições estão patentes até ao dia 16 (5.ª feira).

Terminou no passado domingo, o Torneio de Futebol de Salão da Académica de Espinho, com a vitória da equipa representativa da Lavandaria «A Nova de Espinho», que derrotou, na final, a turma do Electrogaz por 2-0. Esta última jornada foi presenciada por numerosa assistência, havendo a salientar a correcção e desportivismo de todos os participantes. A culminar, elementos da organização, árbitros, directores da AAE e representante da Comissão de Festas de Espinho, procederam à entrega de medalhas e taças aos melhores classificados das diversas séries e da poule final.

O Prof. Moniz Pereira e os atletas «Olímpicos» de Atletismo, foram convidados a virem até cá para assistirem à 1.ª Légua «Cidade de Espinho» organizada pela Comissão de Festas de Espinho.

Terminou, também, o «Torneio de Verão de Voleibol», este ano na sua 3.ª edição, organizado pela Associação Académica. Participaram 19 equipas, cerca de 190 jovens. O mesmo decorreu dentro de bom espírito de camaradagem e convívio. De salientar que a organização e as arbitragens estiveram a cargo de jovens de 15 e 16 anos. Parabéns a eles e pensem já no Torneio 1977!

O espinhense Heliodoro e Tibério (ex-Fiães) dois voleibolistas que têm vindo a jogar num banco do Porto, estão a um passo de se transferirem para o S. C. de Espinho. Segundo fontes bem informadas, os mesmos apenas aguardam o início dos treinos para comparecerem no Pavilhão «Joaquim Moreira da Costa Júnior». T. C.

O «TOTOBOLA» DA «DE»

Setúbal-Varzim	1
Boavista-Académico	1
Belenenses-Estoril	x
Benfica-Braga	1
Guimarães-Sporting	x
Portimonense-Atlético	1
Leixões-Porto	x
Beira-Mar-Montijo	x
União Lamas-Chaves	1
U. Coimbra-Peniche	2
Odivelas-CUF	1
Olhanense-Juventude	1
Almada-Marítimo	x

O «TOTOTIGRE» DO SCE

Mais uma iniciativa dos espinhenses na tentativa de angariação de fundos — «Tototigre». É uma nova maneira de «totobolar» através dos resultados e não de símbolos; agora, resta que os sócios e os simpatizantes dos «tigres» acertem em dar uma ajuda concorrendo. No 1.º «Tototigre» — com um prémio de aproximadamente 3 mil Escudos — ganhou um aveirense com 7 pontos. Quem vencerá o concurso N.º 2?

DE ESPINHO O EXEMPLO

Por JOSÉ VALZÉ

Os dirigentes, jogadores e treinador do Sporting Clube de Espinho, acabam de dar um eloquente exemplo de sã camaradagem, brio, disciplina e, sobretudo, humildade. Gonçalves, o «capitão» da equipa dos «tigres» da Costa Verde afirmou ao nosso jornal após reunião efectuada entre os directores sportinguistas e o departamento de futebol que «prometemos fazer os maiores esforços, tudo quanto estiver ao nosso alcance, para que o Sporting de Espinho regresse ao lugar de realce que ocupou muito recentemente».

O técnico Mário Morais frisou que «vamos mostrar, também, que somos uma equipa disciplinada. O Sporting de Espinho terá de ser o clube «mimoseado» com menos cartões no campeonato».

Por seu turno o presidente da Direcção, José de Pinho, afirmou, ponderadamente, que «a Direcção procurará rodear a equipa de todos os cuidados indispensáveis a uma boa carreira e não serão as derrotas que contam de maneira especial e por elas abandonarmos a equipa».

Três opiniões que apelidamos de sensatas. E tanto mais de serem realçadas quando já abundam por aí «doutas» sentenças de treinadores, jogadores e dirigentes, sem dúvida arrojadas, a definirem que «este ano o título não nos fugirá...».

É evidente que estes desejos de Gonçalves, Mário Morais e de José de Pinho, são já um garante de que tudo irá correr da melhor forma, tendo em linha de conta, sublinhe-se — e as palavras são do próprio presidente da Direcção que «não serão as derrotas que contam de maneira especial».

Compete, porém, à massa associativa dos «tigres» colaborar, ajudar, tornar mais leve a cruz que os dirigentes do Sp. de Espinho se propõem arrostar. Para que haja disciplina nos campos de futebol, para que se não sofra a punição dos sempre indesejáveis cartões...

Para já, de Espinho vem o exemplo. Um belo «pontapé de saída», mesmo antes do desafio oficial de amanhã, contra o Fafe, se iniciar...

(in «O Primeiro de Janeiro»)



DESPORTO



ATLETISMO

PROVAS NA S.ª DA AJUDA

O D. A. A. do SCE, cujo trabalho tantas vezes aqui temos enaltecido, por absoluto merecimento, apareceu-nos, neste momento, passível de crítica.

Aquele sector dos «tigres», cujo trabalho valioso é um facto, ficou cometida a responsabilidade da organização da «1.ª LÉGUA DE ESPINHO», prova pedestre englobada no vasto programa desportivo das Festas da S.ª da Ajuda.

Aquele sector do SCE que, em 1974, nos esperançou na sua tentativa de popularizar as provas pedestres, abrindo-as a todos e a todas

as idades, esqueceu-se, lamentavelmente quanto a nós, de incluir no conjunto de provas pedestres inseridas no programa a destinada aos «veteranos», pois há «velhos» que gostam de praticar desporto, que sabem quanto as práticas atlético-desportivas são úteis e que entendem o desporto não só como maneira de se ganhar, a todo o custo, medalhas e taças e aparecer nas «caixas» dos meios da Comunicação Social.

Ou já terá passado o interesse de levar o desporto a todas as idades e de transmutar a ideia de competição para segundo lugar, pondo em evidência o sentido de confraternização e a necessidade de comparecer, para extrair os benefícios indistiguíveis das práticas físico-desportivas?

Para nós, parecem-nos que esta marginalização dos «veteranos» não se justificava!

C. S.

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO URBANISMO E CONSTRUÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO NORTE ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE 226 FOGOS CONSTITUINTES DO CONJUNTO HABITACIONAL DE PONTE D'ANTA (1.ª FASE) ESPINHO.

Para os devidos efeitos se faz público que o processo referente ao concurso acima designado se encontra patente na Direcção de Habitação do Norte, à Rua Gonçalo Cristovão, 128-13.º Esq. — Porto, e Câmara Municipal de Espinho, locais onde os interessados o poderão consultar todos os dias úteis às horas normais de expediente e dele solicitar a obtenção de cópias.

Preço base do concurso 99 400 000\$00
Caução provisória 2 485 000\$00

Alvará exigido — 1.ª categoria da 1.ª subcategoria da classe e subclasse correspondente ao valor da respectiva proposta.

Prazo de apresentação de propostas — até às 17 horas do dia útil anterior ao da realização do concurso.

Local, dia e hora da realização do concurso — na Direcção de Habitação do Norte, pelas 15 horas do dia 30 de Setembro de 1976. Porto, e Direcção de Habitação do Norte, 31 de Julho de 1976.

Pe'l'O ENGENHEIRO CIVIL CHEFE
António Fortuna Pereira

TEMPO DE MEDITAÇÃO

DO IMPORTANTE DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, GENERAL RAMALHO EANES, NA SUA VISITA AO PORTO, CAPITAL DO NORTE.

Numa altura em que a via democrática se ganha ou se perde por força duma crise económica que os portugueses têm o direito de conhecer em toda a sua extensão, não há mais lugar neste país para o luxo das que-relas inúteis.

Não podemos conservar por mais tempo os anéis se queremos salvar os dedos.

Ama-se este país trabalhando.
Constrói-se a democracia trabalhando.
Defende-se a liberdade trabalhando.
Ganha-se a justiça Social trabalhando.

E também pelo trabalho, pela responsabilidade, pela honestidade, pelo profissionalismo que se conhecem os verdadeiros democratas, os autênticos patriotas.

Cidadãos conscientes não mais podem assistir indiferentes à degradação da sua cidade;

Cidadãos conscientes não mais podem permitir a destruição e o abuso dos equipamentos que são de todos;

Cidadãos conscientes não mais podem aceitar formas de luta que são atentados aos elementares direitos dos demais cidadãos;

Cidadãos conscientes não podem pactuar com qualquer sabotagem

económica, mesmo que se disfarce sob a aparência da defesa de interesses dos trabalhadores;

Cidadãos conscientes não podem permitir a ineficácia e o desmazelo dos serviços públicos;

Cidadãos conscientes não podem pactuar com a impunidade do crime.

Cidadãos conscientes não podem ficar calados perante a corrupção e a incompetência.

É necessário que os cidadãos não se deixem perturbar ou impressionar por quaisquer novos ou velhos fomentadores de divisionismo, arautos de mentiras ou profetas de desgraças, é necessário que a estabilidade seja mantida em todos os campos e que nesta sociedade em que a liberdade é hoje uma realidade consoladora, a tranquilidade e a segurança sejam igualmente bens de que todos os portugueses possam desfrutar.

Vamos entrar em breve em mais um período eleitoral que completará o quadro das instituições democráticas com a legitimação dos órgãos de poder local.

A situação real do país não é compatível com a marcação de mais um compasso de espera na resolução dos problemas de fundo. A vida continua e o povo português já demonstrou uma maturidade política, que não aceitará uma paralização do país na expectativa do resultado dessas eleições.

A vida política local não é uma redução à escala do espectro político nacional. A personalidade dos candidatos e o conhecimento directo que deles têm os eleitores assumem particular importância.

Dos partidos se espera o ajustamento da sua prática política, por forma a não fomentar nessas comunidades as clivagens e a divisão, tão contrárias à natural fraternidade e convivência que são dos valores mais altos da nossa prática social.

Face às carências em vários sectores, como a saúde e a habitação, o Povo Português, com razão se interroga sobre a legitimidade em se atribuir à imprensa importâncias que dariam para a construção de vários hospitais e de milhares de habitações sociais.

As populações rurais a quem falta quase tudo, por certo não aceitarão pagar por mais tempo os défices de certas empresas nacionalizadas.

A multidão dos desempregados dificilmente compreenderão que se prolongue o desvio para a Manutenção de empresas inviáveis dos fundos necessários à criação de novos postos de trabalho e actividades rentáveis.

A Reforma Agrária é uma necessidade que ninguém pode pôr honestamente em causa. Todavia não se pode ocultar que entre os seus inimigos, estão os erros e excessos que continuam por corrigir.

Aguarda-se com ansiedade e esperança a reabertura das escolas. Espera-se que reabram, que reabrindo funcionem, que funcionando, funcionem com professores devidamente qualificados, que nelas se respeite o passado e se prepare o futuro. Os analfabetos que em parte as pagam, não admitem que nelas se esbanje o seu suor.

Professores, estudantes, pais, edu-

cadores — tendes nas vossas mãos uma enorme responsabilidade que tem por nome futuro. Há que estabelecer um pacto escolar que honre as vossas responsabilidades e responda às exigências do País.

Sobre o lamentável quadro do que foi nos últimos tempos o ensino em Portugal o povo português só tem uma palavra: Não.

Portugueses:

Cada um de nós tem com este país e com o seu povo um compromisso que tem de honrar.

Em democracia não há lugar para a demissão.

Compete a cada um responder pelas suas responsabilidades.

É tempo de ultrapassar a discussão ideológica dos problemas concretos.

É tempo de descobrir o que nos une.

É tempo de respeitar o que nos distingue.

É tempo de construir o que nos aproxima.

É tempo de trabalhar.

Desta antiga, mui nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto, o Presidente da República reafirma ao povo que o elegeu que a democracia será intransigentemente defendida, que não há mais lugar para o golpismo, qualquer que ele seja, que as metas e os caminhos que os portugueses escolheram serão respeitados e cumpridos.

Desta capital do Norte, da liberdade e do trabalho, deste Porto que «houve nome Portugal» apelo para que o povo português se saiba unir e empenhar na construção de um futuro de dignidade e justiça.

Temos com este país um compromisso que é um desafio:

Oito séculos de História esperam a nossa resposta.

Viva Portugal!

BEM-VINDA VILA REAL!

Bem-vindo, Sport Clube de Vila Real! Bem-vindos, desportistas e cidadãos vilarealenses!

O vosso regresso à 2.ª divisão — que saudamos e sinceramente desejamos longo —, vai possibilitar o reatar duma bela e sã confraternização sócio-desportiva, como era apadrinhado, e honrava sobremaneira, as duas Cidades, os seus cidadãos, os dois Clubes — Sport Clube de Vila Real e Sporting Clube de Espinho —, os desportistas, englobando aqui desde o adepto ao dirigente, passando por técnicos e jogadores.

É que, Vila Real e Espinho, interpretavam o desporto tal qual ele devia ser, sempre, interpretado: uma salutar confraternização festiva entre seres humanos!

O resultado dos jogos, fossem «amigáveis» — e amigáveis foram-no sempre! — ou a «doer», constituíam mero e ocasional acidente, pois, acima de tudo, estava a amizade que unia, verdadeiramente, duas Cidades, dois Clubes, os seus cidadãos, os seus desportistas!

Espinho e Vila Real, exemplificaram assim, vezes sem conta, como era o verdadeiro desporto!

Os alcatruzes da nora, fizeram com que os vilarealenses, durante longos anos, estivessem, infelizmente, noutro escalão, mas, por dita, o seu regresso deu-se e, estamos certos, vieram para ficar, de forma a, de mãos dadas com os espinhenses, voltarem a demonstrar — e como o meio desportivo nacional está carecido disso! — o que é o desporto, estejam, ou não, em disputa os pontinhos da ordem, mesmo num campeonato a doer e difícil.

Bem vindos, desportistas de Vila Real!

A primeira parte da tradicional grande festa sócio-desportiva anual entre as duas cidades, entre os dois Clubes, entre os cidadãos e desportistas da serra e do mar, reata-se no domingo e terá continuidade, depois, para lá do Marão, na 2.ª volta!

E quanto ao resultado dos desafios que vença o melhor, pois a vitória mais apetecida já aconteceu: as «ondas» da serra e as «ondas» do mar voltam amistosamente a enlaçar-se numa saudável, bela, exemplar, confraternização sócio-desportiva!

Bem-vinda, VILA REAL!

CARLOS SÁRRIA

OBJECTIVO ②

Uma rua com sentido proibido. A rua 22, a partir da rua 62, no sentido sul. O sinal está no sítio. Contudo, os automobilistas — muitos automobilistas — desconhece-no. Criminosamente! E entram. E avançam. Sem quererem saber do trânsito que rola, normal e legitimamente, em sentido contrário. Além disso há mesmo quem morando naquela rua, para não ter de dar uma volta mais longa até chegar a casa, entre, afoitamente, e com pleno conhecimento, mas em manifestação de confrangedora inconsciência, pelo lado do sentido proibido! Felizmente, para esses criminosos do volante, é que não há autoridades que vejam isto e actuem!

DUAS HISTÓRIAS (DES) CONHECIDAS

A primeira li-a há um largo par de anos e, reconstruída conforme dela me lembrei, publiquei-a na primeira página do boletim de pessoal da empresa onde trabalho, no número de Janeiro de 1969.

Reproduzo essa minha versão:

«Ao passar na rua, um homem viu aberto novo estabelecimento. Ao balcão — um ano.

— Que é que Vocês vendem aqui? — perguntou o homem.

— Tudo o que Você quiser — disse o anjo, sorrindo.

— Então quero Paz, Amor, Igualdade, Cordialidade, Sensatez, Dignidade, Justiça, Liberdade, Boa-Vontade...

— Espere, por favor — atalhou o anjo — Não me expliquei bem... Nós aqui não vendemos os frutos, só vendemos as sementes...

Eu, depois, ainda acrescentava, da minha lavra, o seguinte:

«Pois é, Amigos! Não esperemos que as benesses nos caiam do Céu aos trambolhões, que a papa nos apareça feita.

Se queremos colher, semeemos primeiro.

Acreditemos que, como se diz na velha história do caboco, — Semeadando, dá.»

A segunda história — igualmente colhida nas «Seleções, o que poderá levar a muito más ideias a respeito das minhas leituras e fontes de cultura — é, mais coisa menos coisa, assim:

Um adolescentezinho gostava imenso de barcos, iates, traineiras, navios. Nestes últimos — especialmente nos de guerra que fundeavam no porto da

Por J. A. GODES

cidadezinha onde ele morava — admirava e encantavam-no sobretudo a arrumação, a organização e, principalmente, a excepcional limpeza de que os vasos de guerra sempre faziam gala.

Como era de esperar, quando chegou a idade da vida militar, o rapaz mexeu este mundo e o outro para prestar o seu serviço num navio de guerra, o que conseguiu.

Ao fim de uma semana, veio a primeira carta com notícias e impressões do jovem acerca da vida no navio onde fazia a recruta.

O manco dizia-se de saúde mas muito cansado e, principalmente, desiludido e frustrado.

E confessava: «Eu, que tanto gostava dos navios por os ver sempre tão limpos e lavadinhos, agora já não os suporto. É que agora sei por que é que eles estão sempre tão limpos e lavadinhos e, acima de tudo, sei quem é que os traz assim limpos e lavadinhos, e sei — ai de mim! — quanto custa trazê-los limpos e lavadinhos...»

Por que é que eu — manhoso raposão, J. A. Godes duma figa, que não dou ponto sem nó — me lembrei destas duas historinhas? Por que é que as contei?

Eu digo, para não cansarem a moleirinha.

Nós, aqui em Portugal, deitamos olhos compridos e gulosos para os países onde vigora o Socialismo. Seja a Democracia vigente nos países de Leste, seja a que está instituída nos países Ocidentais; seja o Socialismo escandinavo, alemão federal ou holandês, seja o Socialismo russo, alemão oriental ou búlgaro (não vou, evidentemente, manifestar-me a respeito da pureza dos conceitos dessas Democracias nem desses Socialismos e a razão principal, se não única, é faltar-me a bagagem para tanto); uma coisa (Democracia) e outra (Socialismo) nos fazem suspirar por termos cá regime igual, benesses iguais, segurança igual, organização assim, civilidade assim, respeito assim, limpeza assim, educação assim.

Gostaríamos de, sem ter de subir degraus, nos encontrarmos no topo da escadaria.

Gostaríamos de assentar praça em general (a imagem já não terá muita actualidade, dado o que por aí se tem visto) sem passar por magala, nem sargento, nem alferes, nem major, nem coronel.

Quereríamos engordar sem comer, saber sem estudar, chegar sem partir, sem correr, sem cansar.

Como é que nesses países se chegou à disciplina, à civilidade, à educação, à consciencialização? Por que é que as pessoas lá são mais saudáveis, mais aptas, por que é que dão mais rendimento no trabalho? Teriam essas qualidades sido decretadas ontem e hoje «todo o mundo» acordou a proceder acertadamente, sabedor, consciente dos seus direitos e dos seus deveres?

Mais uma historinha:

Um bêbado queixava-se — «Toda a gente repara para quantos copos eu bebo, mas ninguém conta os tombos que eu dou».

E outra historinha:

Perguntaram a um inglês como é que, lá na Inglaterra, conseguiram aqueles imensos e maravilhosos relvados, que não há outros assim em parte nenhuma.

— É muito fácil! Semeia-se a relva e depois rega-se e apara-se durante trezentos ou quatrocentos anos.

Convencemo-nos de que a Democracia e o Socialismo não são frutos que possamos comprar já maduros e prontos a trincar. São sementes que temos de semear, vergôntes cujo crescimento temos de acompanhar desveladamente, amorosamente.

Convençamo-nos de que um país civilizado, onde dê gosto e valha a pena viver, é um navio limpo e lavadinho.

A limpeza e o ar de lavado saem-nos do pêlo.

Mas vale a pena ter a casa limpa e lavada.

E só se aprende a andar — andando.

E uma caminhada de cem quilómetros começa pelo primeiro passo.

Ontem já era tarde para começar.

SEMANARIO
AVENÇADO